

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Rafael Salles Gonçalves

**A ARTE INSPIRA, CRIA E CONTAGIA: PRODUÇÃO DE
SENTIDOS E APRENDIZAGENS DE PROFESSORES
PROVOCADOS PELA CRIAÇÃO LITERÁRIA E AUDIOVISUAL**

Santa Maria, RS.
2020

Rafael Salles Gonçalves

**A ARTE INSPIRA, CRIA E CONTAGIA: PRODUÇÃO DE SENTIDOS E
APRENDIZAGENS DE PROFESSORES PROVOCADOS PELA CRIAÇÃO
LITERÁRIA E AUDIOVISUAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**

Orientadora: Prof. Dra. Valeska Maria Fortes de Oliveira

Santa Maria, RS, Brasil.

2020

Gonçalves, Rafael
A ARTE INSPIRA, CRIA E CONTAGIA: PRODUÇÃO DE
SENTIDOS E APRENDIZAGENS DE PROFESSORES PROVOCADOS PELA
CRIAÇÃO LITERÁRIA E AUDIOVISUAL / Rafael Gonçalves.- 2020.
121 p.; 30 cm

Orientador: Valeska Fortes de Oliveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2020

1. Arte na escola 2. Cinema com professores 3. Cinema
e educação 4. Criação na escola I. Fortes de Oliveira,
Valeska II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, RAFAEL GONÇALVES, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Universidade Federal do Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

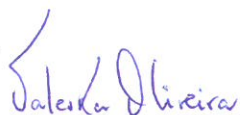
A comissão examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**A ARTE INSPIRA, CRIA E CONTAGIA: PRODUÇÃO DE SENTIDOS E
APRENDIZAGENS DE PROFESSORES PROVOCADOS PELA CRIAÇÃO
LITERÁRIA E AUDIOVISUAL**

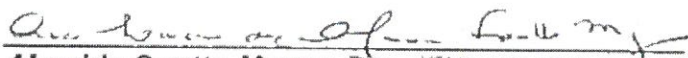
elaborada por
Rafael Salles Gonçalves

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

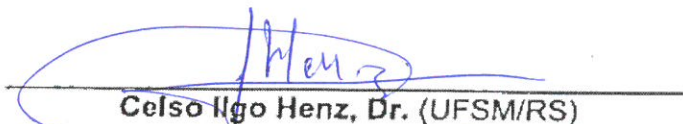
COMISSÃO EXAMINADORA



Valeska Maria Fortes de Oliveira, Dra.
(Presidente/Orientadora)



Ana Lucia de Almeida Soutto Mayor, Dra. (FIOCRUZ/RJ) - videoconferência



Celso Ilgo Henz, Dr. (UFSM/RS)

Santa Maria, 23 de outubro de 2020.

Dedicado à Beatriz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Bia, minha grande fonte de transformação;
Agradeço à minha mãe, Ana, melhor professora que conheço e meu pai, Alceu,
melhor pai que conheço, por sempre serem inspiração;
Agradeço a minha nova família, Julia, Mariozinho, Leonina, Waleria, Vânia e
Pipps, pela torcida e apoio em todo momento;
Agradeço à minha orientadora Valeska, que soube com precisão os momentos
de me guiar nesta escrita;
Agradeço ao professor Celso por me ensinar o sentido de reconhecer, e à
professora Ana Soutto, por ser alguém distante geograficamente mas com um
pensamento tão próximo, integrantes dessa banca;
Agradeço às amigadas de Santa Maria, Uruguaiana, Porto Alegre, Camobi,
Arroio e Fortaleza, pessoas inspiradoras que me motivam a ser tão bom quanto são;
Agradeço ao GEPEIS, pelas vivências em um espaço tão múltiplo e potente;
Agradeço aos colegas de Estúdio 21 e TV Campus, em especial à Manu e à
Débora, pela compreensão nas minhas ausências e pelo companheirismo em nossa
profissão;
Agradeço ao João e o Thomás, que comigo formaram um tripé tão resistente
que segura qualquer produção audiovisual;
Agradeço aos professores do Instituto Olavo Bilac e da Escola Humberto de
Campos, por abrirem suas salas de aula e compartilharem seus saberes;
Por fim, agradeço à todos que acreditam no fortalecimento da universidade
pública, gratuita e democrática.

“Mestre, mestre é aquele que de repente aprende. “

João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

RESUMO

Dissertação de Mestrado em Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

A ARTE INSPIRA, CRIA E CONTAGIA: PRODUÇÃO DE SENTIDOS E APRENDIZAGENS DE PROFESSORES PROVOCADOS PELA CRIAÇÃO LITERÁRIA E AUDIOVISUAL

AUTOR: RAFAEL SALLES GONÇALVES

ORIENTADORA: DR. VALESKA MARIA FORTES DE OLIVEIRA

Data e local da defesa: Santa Maria, 23 de outubro de 2020.

Durante os últimos anos, atuamos dentro de escolas estaduais da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, promovendo espaços de criação literária e cinematográfica entre estudantes e professores, em um projeto de extensão promovido pela Universidade Federal de Santa Maria. As atividades incluíram criação de contos, argumentos e sinopses para cinema, roteiros, curta-metragens e um videoclipe, além de promoverem espaços para exibição dessas obras.

A pesquisa pretendeu descobrir que efeitos os processos criativos e produções com os estudantes geraram em seus professores. Além disso, que saberes foram acesos por essas experiências, e de que forma elas promovem formação e autoformação. Também, mostrar como se dá a construção de espaços de arte no ensino, e que outros caminhos eles podem tomar para formação de professores e transformação do ensino.

Utilizamos como objeto de análise um documentário produzido com o Instituto Olavo Bilac no ano de 2017, após o encerramento das dinâmicas com os estudantes. Também, realizamos entrevistas virtuais com o grupo de professores da escola Humberto de Campos, instituição socioeducativa localizada no CASE-SM, que recebe menores em privação de liberdade. As entrevistas ocorreram durante o período de isolamento social, entre junho e julho de 2020.

Como resultado, percebemos modificações diversas nas relações da comunidade escolar, como uma aproximação maior entre professores e estudantes, aproximação também da família e demais comunidades em torno da instituição de ensino com a escola e com os educandos. Notamos percepções dos docentes em relação à melhoria na autoestima, responsabilidade e comprometimento dos estudantes. Encontramos grande abertura nas duas unidades de educação para projetos externos, apoio e motivação para novas propostas. Concluímos que é necessário trazer os professores mais para perto de atividades de criação, seja em seus espaços formativos ou durante as atividades desenvolvidas com os educandos ou socioeducandos.

Palavras-chave: Arte na escola; Formação com professores; Cinema e educação; Criação na escola

ABSTRACT

Dissertation of Master in Education
Program of Postgraduate in Education
Universidade Federal de Santa Maria

CINEMA INSPIRES, CREATES AND CONTAGES: MEANING PRODUCTION AND LEARNINGS OS THEACHERS PROVOKED BY LITERARY AND AUDIOVISUAL CREATION

AUTHOR: RAFAEL SALLES GONÇALVES

LEADER: DR. VALESKA MARIA FORTES DE OLIVEIRA

Date and local of presentation: Santa Maria, October 23th 2020.

During the past few years, we have worked within state schools in the city of Santa Maria, Rio Grande do Sul, promoting spaces for literary and cinematographic creation among students and teachers, in an extension project promoted by the Federal University of Santa Maria. The activities included creation of short stories, arguments and synopses for cinema, scripts, short films and a video clip, in addition to promoting spaces for the exhibition of these works.

The research aimed to discover what effects the creative processes and productions with the students had on their teachers. Furthermore, what knowledge was ignited by these experiences, and how they promote teaching training and self teaching training, show how the construction of art spaces in teaching takes place, and what other paths they can take to form teachers and transform teaching.

We used as object of analysis a documentary produced with the Olavo Bilac Institute in 2017, after the end of the dynamics with the students. We also conducted virtual interviews with the group of teachers at the Humberto de Campos school, a socio-educational institution located in CASE-SM, which receives minors in deprivation of liberty. The interviews took place during the period of social isolation, between June and July 2020.

As a result, we noticed several changes in the relationships of the school community, such as a closer relationship between teachers and students, also closer to the family and other communities around the educational institution with the school and with the students. We noticed teachers' perceptions regarding the improvement in students' self-esteem, responsibility and commitment. We found great openness in the two education units for external projects, support and motivation for new proposals. We conclude that it is necessary to bring teachers closer to creative activities, either in their teaching training spaces or during activities developed with students or socio-educators.

Keywords - school art; training with teachers; cinema and education; creation with school

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	10
2.	O DESAFIO	12
3.	ENTRE HISTÓRIAS E PERSONAGENS, UMA NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA	17
3.1.	Um personagem interior: meu ser.....	17
3.2.	Um personagem exterior: meus fazeres.....	22
4.	A IMAGEM EM MOVIMENTO INVENTOU UMA MÁQUINA DO TEMPO: uma pesquisa sobre a prática do projeto Estúdio de Criação	26
4.1.	A história dos microcontos.....	30
4.2.	Baralho de personagens - o clímax das ações.....	40
4.2.1.	A polarização política toma forma audiovisual em “O Candidato”.....	42
4.2.2.	““Ação e violência: é tudo que as pessoas querem ver”.....	45
4.2.3.	“No próximo ano, tragam a equipe para o processo de edição”.....	47
4.2.4.	Além da criação, aprendizagens que o cinema sacode nos professores: uma formação por dentro da profissão.....	50
5.	ATRÁS DAS GRADES, ESPAÇOS DE LIBERTAÇÃO CRIATIVA	55
5.1.	A arte inspira: comédia e terror anarquistas.....	56
5.2.	A arte cria: batalhas de <i>RAP</i> no CASE.....	62
6.	A ARTE CONTAGIA: em tempos de pandemia, o efeito do cinema nos professores da Humberto de Campos	69
7.	TODA HISTÓRIA TEM UM INÍCIO, UM MEIO E UM FIM: as considerações finais	86
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
9.	CATÁLOGO DE CRIAÇÕES	95

1. APRESENTAÇÃO

As pesquisas e atividades de encontro que desenvolvemos em instituições de ensino na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, mostram uma fotografia bastante complexa que revela como escolas têm trabalhado diferentes questões sobre a educação. Em nossa linha - formação de professores - somos apresentados a grupos docentes que se mostram motivados e satisfeitos com seu ambiente de trabalho e outras comunidades que confessam muitos problemas no espaço escolar e na sua rotina de vida pessoal ou profissional.

Durante as experiências formativas, conheci o instituto estadual Olavo Bilac, uma das maiores escolas públicas de Santa Maria, que atende do ensino infantil até o curso normal, e a escola Humberto de Campos, instituição estadual socioeducativa, localizada dentro do Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) de Santa Maria. A escola recebia, na época, por volta de 80 jovens em privação de liberdade, em turno integral. Durante os anos de 2016 a 2019 desenvolvi atividades de criação escrita, musical e audiovisual com os alunos. A forma como as oficinas aconteciam incluía, eventualmente, a participação dos professores, seja como sujeitos criadores, orientadores, motivadores ou espectadores.

A proposta da pesquisa é analisar que sentidos podemos encontrar na docência através do contato com projetos de criação artística, usando como base a educação Freireana da obra “Pedagogia da Autonomia”. Durante o percurso de escrita, também me acolho como personagem de estudo, tendo como premissa que ensino e aprendizado devem ser vistos como caminhos que se encontram a todo tempo. Espero que a pesquisa sirva de leitura inspiradora para professores que desejam abrir espaços de criação no ensino. Ao final da escrita, apresento uma coletânea da produção literária e audiovisual desenvolvida por estudantes, além de curtas motivadores dos encontros que remexeram diferentes ideias em todos nós.

A metodologia apresenta uma discussão teórica e análise qualitativa dos resultados encontrados nos relatos de professores das duas escolas. As análises terão três bases de apoio: os estudos na linha da formação de professores, os saberes de Paulo Freire na obra “Pedagogia da Autonomia” e pensamentos de autores brasileiros que realizam seus estudos na área da educação e do cinema. A pesquisa precisou ser repensada a partir das limitações ocasionadas pela pandemia do coronavírus. Dessa forma, se aproxima em alguns aspectos da pesquisa-ação, que pode ser definida da seguinte forma:

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa... (KEMMIS e MC TAGGART, 1988, p.202)

Como proposta de aproximação metodológica, além de trazer autores que escrevem nas áreas de educação, arte e formação, também apresento vozes de professores que fizeram parte da composição da pesquisa: docentes que vivenciaram experiências com arte e educação em diferentes níveis, de diversas áreas de ensino. A produção de dados parte de um documentário produzido junto aos professores do Olavo Bilac no ano de 2017, além de uma dinâmica realizada em ambiente virtual durante o período de quarentena com os docentes da Humberto de Campos.

Pretendemos, ao final, entender que possíveis aprendizados as atividades de criação em cinema podem provocar nos participantes. Também, que portas o cinema pode abrir para explorar diferentes saberes e experiências nos processos formativos; além disso, encontrando o ciclo da pesquisa-ação de ação-reflexão-ação, propor outros caminhos possíveis para o cinema e a arte na formação dos professores.

2. O DESAFIO

A educação no Brasil vive um momento de crise estrutural em todos seus níveis de ensino. Por parte de ações governamentais em grande e em menor escala, notamos um cenário de desvalorização do professor e da pesquisa acadêmica, em especial no estado do Rio Grande do Sul. Em nossa cidade, Santa Maria, conhecemos escolas públicas estaduais com dificuldades diversas nas condições de trabalho. Salários baixos e parcelados e limitações financeiras esgotam os professores e funcionários, que muitas vezes necessitam realizar jornadas de 60 horas semanais. O tempo médio dado para atividades formativas dos educadores que tivemos contato é de uma hora por semana, e muitas vezes este espaço é destinado para as reuniões pedagógicas. Nesse desenho, nos encontramos como pesquisadores que se dispõem a propor estudos na linha da formação desses professores. Como objetivo, entender suas dificuldades e potenciais e reinventar formas de transformar espaços de ensino.

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Imaginário Social da UFSM (GEPEIS), atuante há 27 anos em ensino, pesquisa e extensão, encontrou, através do cinema, seu meio para desenvolver atividades formativas com estudantes e professores. Inspirados pelas teorias do imaginário social, nos aproximamos das *realidades* de diferentes grupos de professores em formação ou já atuantes para tentar desenhar suas histórias, vivências e processos *transformativos*.

Se a escola encontra-se desamparada e desmotivada, podemos trazer ao trabalho do pesquisador uma tarefa de incentivar a recuperação da sua identidade. Léa Scholl (1992) defende que os estudos sobre o imaginário social podem abrir espaço para se avaliar os problemas escolares, recuperando sua produção de bens de sentido. A apropriação da comunidade pelo seu espaço escolar faz parte da sua

revitalização e da retomada dos processos de valorização de quem faz a escola - professores, funcionário e estudantes.

Entre os desafios propostos para a educação destacamos questões como transdisciplinaridade, conhecer questões sociais, de gênero e outras diversidades, reconhecer ações de impacto social, etc. Percebemos pouco espaço, no currículo tradicional, que receba novos desafios de aprendizagem e reflexão. Nas disciplinas da área das linguagens e expressão artística, encontramos ações que privilegiam muito mais a reprodução do que a criação e reflexão. Jesús Martín-Barbero, em seus estudos culturais, relata sua visão sobre o espaço escolar:

nossas escolas não estão sendo um espaço no qual a leitura seja um meio de criatividade e de prazer, mas sim o espaço no qual leitura e escrita se associam a tarefa obrigatória e chata. Castradora, inclusive. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 128)

Encontramos no campo da arte, em especial no cinema e audiovisual, um dispositivo completo e potente para desenvolver metodologias formativas e reflexões sobre o espaço social e sobre o espaço de ensino. Através de experiências com extensão, sentimos algumas modificações nas relações entre os atores escolares e também transformações particulares de quem vivenciou as atividades. Adriana Fresquet é umas das principais motivadoras do cinema dentro da sala de aula no Brasil, como um catalisador de processos de aprendizagem e desaprendizagem:

Com o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o “faz de conta” e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do conhecimento. (FRESQUET, 2017, p. 20)

No nosso caso, onde sacudimos com o imaginário e com a imaginação criadora, o cinema é capaz de produzir experiências éticas e estéticas ampliando repertórios daqueles que se envolvem com os projetos. Camila Parigi realizou uma

pesquisa formação com os professores da escola Humberto de Campos no ano de 2017, revelando uma clara percepção de que os docentes sentem a necessidade de se reinventar o tempo todo para atender os anseios dos encontros escolares:

os processos auto(trans)formativos precisam ocorrer com todos que trabalham na unidade socioeducativa. Não de forma informativa, para estabelecimento de regras e nem através de palestras momentâneas, mas a partir de espaços e tempos para discussões de conflitos, de casos de adolescentes que possuem dificuldades e para pensar como fazer formas diferentes, das já instituídas, de socioeducação. (PARIGI, 2017, p.133)

A sociedade cultural contemporânea tem como um dos seus principais símbolos o smartphone, uma tecnologia móvel que apresenta cada vez mais recursos e possibilidades de comunicação. As novas gerações crescem envolvidas pela linguagem audiovisual, reinventando aplicativos, compartilhando imagem e som, editando vídeos e criando canais de divulgação. Percebemos, às vezes, uma resistência a entrada desses recursos no ensino, porém, acreditamos que a inserção de novas tecnologias é inevitável. Mais do que isso, que essas tecnologias podem ser favoráveis para as práticas escolares, e que é tarefa do professor estar aberto a conversar com a linguagem audiovisual e tecnologia móvel. Uma disposição necessária para o professor dos novos anos 20.

André Lemos, em seus estudos na área da cibercultura, defende uma posição receptiva aos avanços tecnológicos: “ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, as novas tecnologias vão agir como vetores potencializadores dessas situações, da socialidade” (Lemos, 2002, p.90). Se vinte anos atrás poucas pessoas possuíam recursos para produzir conteúdos multimídia, hoje vivemos uma realidade oposta. Em aplicativos de fácil acesso, podemos transformar nossas redes sociais em diários audiovisuais onde guardamos e expomos os momentos mais importantes de nossa vida. Hoje em dia, vemos crescente popularidade das histórias do *Instagram*, onde registramos 10 segundos

de um acontecimento, um pequeno trecho que fica visível por 24 horas, ou o *tiktok*, um aplicativo de reinterpretação - ou recriação ou transcrição - de obras da música e do audiovisual, um sucesso durante a quarentena da covid-19.

Castoriadis (1982) apresenta suas teorias do imaginário social, e defende o surgimento da autonomia individual num projeto de autonomia social através de processos de criação. Sua obra *Instituição Imaginária da Sociedade* mostra que nossas instituições, nossas formas de viver, nossos comportamentos são criações sociais nossas, que instituímos e na tensão entre os imaginários, são alterados, transformados por movimentos instituintes. A produção de uma sociedade imagética, onde o audiovisual é uma das linguagens produtoras, também de conhecimentos, de aprendizagens e desaprendizagens e reaprendizagens é invenção nossa.

As novas dinâmicas do mercado de trabalho apresentam a preferência por profissionais criativos, independentes, críticos, inventivos e autônomos. José Carlos Libâneo defende que busquemos desenvolver essas habilidades nos espaços formativos:

[...] A inserção no trabalho e o exercício da cidadania participativa requerem sujeitos autônomos, criativos, capazes de pensar com sua própria cabeça. Destaca-se, portanto, o investimento na formação de sujeitos pensantes (formação do pensar, de atitudes, de valores, de habilidades) implicando estratégias interdisciplinares de ensino para desenvolver competências do pensar e do pensar sobre o pensar (LIBÂNEO, 1994, p. 37).

Propor espaços de criação é uma maneira de sacudir a formação de espírito crítico reflexivo, revelar e modificar pontos de vista, empoderar a comunidade escolar em seus espaços e em suas vozes, e deslocar a estrutura rígida professor-aluno, baseada num ensino instituído vertical e ainda muito mecânico.

Nós estamos entrando na nova era da educação, que passa a ser programada no sentido da descoberta, mais do que no sentido da

instrução. Na medida em que os meios de alimentação de dados aumentam, assim deve aumentar a necessidade de introversão e de reconhecimento de estruturas. (MCLUHAN, 2005, p. 13)

Herbert Marshall McLuhan, educador canadense, destacava já na entrada da década de 1970 um pensamento que hoje é posto em prática no sistema educacional de seu país: conhecer seus estudantes e adaptar dinâmicas escolares e formas de ensinar e aprender que levem em consideração cada grupo de alunos, em suas singularidades e anseios. Em um documentário que produzimos em Ottawa, no Canadá, chamado *Novas Abordagens em Educação*, descobrimos que lá o estudante é protagonista das dinâmicas escolares, contribuindo ativamente no projeto pedagógico para pensar as melhores formas que os conteúdos obrigatórios devem ser visitados durante o ano letivo.

Tudo que sai do normal da nossa metodologia, quadro, giz, leituras...desperta mais interesse, porque as mídias, toda essa parte audiovisual é o que o aluno mais tem disponível hoje em dia, o que o adolescente gosta, o que ele quer. Ele se identifica com isso. É uma maneira de conversar mais de perto com ele. Nediã Chagas, em “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora.”

O audiovisual é uma maneira única de encontrar nosso estudante e acolher suas diferentes formas de expressão. O cinema mexe estruturas, imaginação, nos leva para outros espaços, nos abre para criar e recriar nossos repertórios, nossas histórias de vida e, por que não, nossas escolas.

3. ENTRE HISTÓRIAS E PERSONAGENS, UMA NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA

Na obra *Da criação ao Roteiro*, de Doc Comparato (2009), o autor dedica um capítulo para falar sobre o desenvolvimento de personagens para histórias de cinema. Neste momento, ele divide a escrita criativa em duas partes - o personagem interior, onde é descrito tudo que o personagem é - seu humor, preferências, características psicológicas, formas de pensar. Já o personagem exterior é tudo que o personagem faz, onde trabalha, com quem convive, formas de agir e sua trajetória até aquele momento. Quantas vezes não nos perguntamos ao assistir um filme ou uma série “o que será que ele vai fazer agora?” ou “isso que ele fez não tem nada a ver com ele”. Dar espaço na criação fílmica para a escrita dos personagens é fundamental, pois toda trama irá se calcar nas decisões de seus protagonistas, e essas escolhas precisam seguir um sentido, ou o autor perde a credibilidade da sua audiência. Qualquer história boa conta com personagens coerentes, seja em suas qualidades seja em seus defeitos.

3.1. Um personagem interior: meu ser

A linha que divide o real do imaginário é muito estreita. Nossa vivência costuma modificar nossas lembranças narrativas todos os dias. Enquanto algumas memórias se fortalecem, outras se apagam, ou se transformam. O passado e o presente são movidos pelo que mais nos toca em diferentes épocas. Essas experiências me são reconfortantes, e sempre me senti feliz ao relembrar um certo tempo em que fazia coisas que hoje não me são familiares. Isso mostra que sofri uma mudança, me adaptei a ser quem eu gosto de ser. Pensando no que é real e no que é inventado, talvez a verdade só sirva para nos distanciar do imaginário, pois o

real puro não existe, é uma construção do que queremos ver e desver, nossa lembrança construída.

Quando penso no meu caminho formativo, lembro da primeira vez que entrei em uma sala de aula. Era a sala de cinema de uma escola estadual. Ampla, escura, cadeiras estofadas, telão e som, perfeita. Dei uma olhada pela sala vazia e encontrei um nervosismo muito grande, quase desespero. Eu iria conhecer estudantes pré-adolescentes, do sétimo ano, só sabia disso, e já era o suficiente para me aterrorizar. Ouvi que a turma tal era mais agitada e as outras eram *tranquilas*. Até então, não conhecia as potências do cinema como criação. Nunca havia finalizado um curta-metragem, e durante meu tempo de estudante o cinema nunca existiu ativamente. Naquela primeira experiência, meio às cegas construí uma proposta e pedi aos deuses que desse tudo certo.



Filme: Alice no país das Maravilhas
Direção: Tim Burton
Ano: 2010

Seguido me ressurgiu uma reflexão que, acredito, daria uma escrita por si só: “por que, hoje em dia, as pessoas ainda querem ser professores?”. Para mim, assim como ser pai é uma grata beleza que só descobrimos quando somos, da mesma forma é o ser professor. É um sentimento como o amor, a saudade, e não há forma de explicar um sentimento. O cinema nos *põe em forma* para sentir muitas experiências, nos torna múltiplos. Em um grande aprendizado na docência orientada, descobri que muitos estudantes estão no curso de Pedagogia da UFSM por segunda opção, ou seja, não era o caminho que desejavam ao se inscreverem para a universidade. Soube que, após suas primeiras experiências em sala de aula, que acontece cedo no curso, eles se encantaram e seguiram adiante. Em um minidocumentário chamado *Educação & Imaginário*, apresentamos suas visões sobre a docência e a arte em sua formação. Das minhas vivências, posso contar duas micro-histórias para tentar materializar o que senti:

No meu primeiro encontro com uma turma, meia dúzia de estudantes sentaram no fundo, enfileirados, grudados na parede. Me entristeci, era como um candidato no The Voice que tem todas as cadeiras de costas até o final da música. Segui cantando. Na semana seguinte, os mesmos que sentaram no fundo fizeram um grupinho na frente, interessado e animado.

No ano seguinte, com uma turma do último ano do ensino médio, dois colegas começavam a se estapear em todas as aulas “teóricas”. Eram aulas de criação de personagem e construção de história, que entendi serem chatas para os dois. Foi novamente frustrante, até por não ter experiência suficiente para saber repreendê-los pelos gestos violentos. Chegou o primeiro dia de gravação do curta da turma, e esses mesmos dois estavam lá: seriam protagonistas da história. Um deles realizou um papel muito difícil, de um professor gay que é salvo pelo namorado policial em um sequestro. Já o outro foi premiado como melhor ator do festival da escola. No ano seguinte, também venceu melhor ator em um festival da cidade.

Foram duas vezes que entendi como era bom estar presente em um espaço de educação, mesmo que fosse cansativo ou até sobrecarregasse meu trabalho formal, como profissional de comunicação. “Foram as melhores férias da minha

vida”, nos disse um participante no ano passado. Todas as atividades que realizei como professor em formação foram desgastantes em algum momento. Na hora doá carregar equipamentos, dava vontade de largar, brigar, se revoltar. Mas sei que o desgaste físico e emocional faz parte do trabalho com audiovisual, seja no cinema, na tv, nos meios virtuais. Agora só me tocam as lembranças boas, esses pontos de virada que a vida deu. Bill Nichols, crítico e teórico de cinema, fala em *Introdução ao Documentário* (2016) que não existe uma realidade pura. Quando o documentarista escolhe um enquadramento e um cenário, já está distorcendo a realidade. Quanto a nós, personagens da vida real, o que mostramos de nós é só a parte que queremos, uma representação da realidade, feita por si só ou pelo outro. Isso é a reconstrução do real e do imaginário, do que nos afeta e do que se esvai.



Filme: Alice no País das Maravilhas
Direção: Clyde G., Wilfred J., Hamilton L.
Ano: 1951

Esses dias li sobre a síndrome do impostor. Sobre se achar inferior aos outros e pensar que nunca é bom suficiente naquilo que faz. Esse é um sentimento que me acompanha quase sempre, na vida profissional e na vida acadêmica. Porém, eu sou

um cara otimista, gosto de ver o lado bom da vida. Em uma visão pragmática, me sentir mediano me faz estar sempre procurando melhorar, me transformar, procurar minhas falhas, ter um olhar crítico sobre mim quando termina uma aula. Acaba me fazendo bem, desse ponto de vista.

Dizem que é fácil propor cinema, difícil é ensinar matemática, física, química. Um engenheiro uma vez contou que questionou seu professor quando iriam utilizar Baskara na vida profissional. O professor respondeu que nunca, o que eles estavam aprendendo era o raciocínio rápido e lógica que os estudos permitiam. Outra história ouvi há muito tempo, do meu professor de física:

Esses dias meu filho chegou pra mim e falou:

- *Pai, decidi que quero fazer medicina, virar cirurgião. Que tu acha que eu tenho que começar a estudar? Biologia? Química?*
 - *Olha filho, se quer ser médico, vai fazer um curso de bordado!*
 - *Como assim pai?*
- *Se tu quer ser cirurgião, primeira coisa é trabalhar a tua coordenação. Imagina um médico que vai operar alguém e não consegue ter habilidade com as mãos?*

Eu levo essas e outras ideias comigo quando apresentamos o cinema como meio de criação. Não quero que nossas turmas aprendam a fazer filmes. A intenção deve ser outra: propor experiências em um grande grupo, estimular a autoestima através do protagonismo e do exercício da autonomia, a empatia ao conhecer melhor os colegas e professores; se apropriar de espaços escolares; desenvolver expressão escrita, falada, corporal; e, por fim, a autocrítica e experiência estética ao ver sua obra exibida para o mundo. É uma arte completa, pois abre caminhos para explorar todas as outras artes. No cinema, é possível se expressar pela imagem, pelo som, pelo texto, pela música, pela montagem. O desafio inicialmente é contar uma história, da forma que quiser, se quiser, e se libertar para uma dança.



Filme: Jojo Rabbit
 Direção: Taika Waititi
 Ano: 2019

3. 2. Um personagem exterior: meus fazeres

“Se o roteiro é uma história contada em imagens, então o que todas as histórias têm em comum? Um início, um meio e um fim, ainda que nem sempre nessa ordem”

Syd Field

Minha história acadêmica inicia em um curso de Farmácia e Bioquímica, na primeira turma da Unipampa, Fundação Universidade Federal do Pampa, no campus de Uruguaiana, minha cidade natal. Empurrando com a barriga concluí o primeiro semestre, tendo em mente que mesmo achando interessante aqueles estudos na área da saúde, havia escolhido o curso errado.

As disciplinas *exatas* que estudamos no primeiro semestre ajudaram-me no vestibular que me permitiu ingressar no curso de Jornalismo, da UFSM, no ano seguinte. Em abril de 2007, conhecia a tão sonhada FACOS (Faculdade de

Comunicação Social da UFSM) pela primeira vez. Em toda trajetória escolar, finalmente me senti sujeito ativo em uma turma. Gostava das propostas de trabalhos em equipe no rádio, na tv e nos veículos impressos, dos programas ao vivo, das discussões e construções coletivas, e encontrei nas disciplinas de audiovisual meu lugar.

Acontece que o curso de jornalismo é muito mais legal que a profissão em si. Não me acostumei com a ideia de uma rotina de trabalhar atrás de notícias. Realizei concurso na própria UFSM para o cargo de roteirista e entrei para a equipe da TV Campus, televisão educativa, pública e universitária, onde atuo desde 2012. No ano seguinte, senti a necessidade de voltar a ser estudante. Achava e ainda considero muito confortável a posição de aluno: sentar em uma cadeira e escutar alguém na frente que quer chamar sua atenção e compartilhar seu conhecimento; até por isso entendo a importância do professor. Encontrei na Especialização em Cinema da Universidade Franciscana um curso que aumentou meu conhecimento em diversas áreas do audiovisual (fotografia, montagem, direção). Durante algumas - poucas - disciplinas teóricas da pós-graduação, notei que a pesquisa era um caminho urgente para minha formação, apesar de sempre ter fugido de leituras e discussões teóricas durante a vida.

Minha entrada no GEPEIS veio muito ao acaso. Pesquisei por “cinema” e “UFSM” no Google e encontrei o e-mail da professora Valeska, orientadora desta escrita. Enviei uma mensagem despretensiosa que logo foi respondida. Era 2015 e eu estava finalmente em um grupo de pesquisa, ainda um pouco sem saber o que fazia ali e outro pouco sem entender o que era aquele tal de *imaginário*.

No ano seguinte, realizei minha primeira seleção para ingresso no mestrado da Pós-Graduação em Educação na UFSM. Estava muito confiante, porém, não fui selecionado. Um tempo depois da ressaca do não aceite, comecei a questionar

minha decisão de ter me inscrito: eu queria me tornar mestre em educação sem *nunca* ter me colocado no papel de educador.

Eu não acredito em destino, mas creio que energias nos indiquem as melhores rotas que devemos seguir. Que a forma como guiamos a vida atrai as coisas boas que ela pode dar e os momentos de alegria que colorem nossos dias. Um tempo depois, encontrei um ex-colega de jornalismo. Agora formado em Letras e professor de ensino básico estadual, ele me contava da frustração em não conseguir cativar seus educandos. Combinamos, então, de organizar uma proposta de cinema para o Instituto Olavo Bilac, de Santa Maria. Dois meses depois, o projeto de extensão Estúdio de Criação daria seus primeiros passos.

A educação me encantou. Diferente das linhas de Comunicação, percebi uma relevância muito grande nos estudos na área. Por fazer parte de um grupo que dá muita importância para os três pilares universitários - ensino, pesquisa e extensão - percebi como estar próximo do ambiente escolar pode provocar, mesmo que um pouquinho, reflexões na vida de estudantes e professores, e afetar seus cotidianos. Criar um projeto de extensão veio na ideia de acreditar na potência de pequenos atos acontecendo em pequenos grupos, mas que podem reverberar em muitos cantos. Esta pesquisa pretende equilibrar as práticas extensionistas, o ensino de arte e a pesquisa em arte, formação e docência.

Estamos neste momento em 2020, em isolamento controlado devido a pandemia do coronavírus. Espero que quando você acompanhar esse relato a pandemia seja apenas um acontecimento marcante do passado recente. Hoje, diferente do que aparenta, estar em casa grande parte do dia não me inspirou a tocar em frente uma dissertação. Foram muitos momentos de frustração - por não poder estar com o grupo de professores que escolhi para desenvolver esta

pesquisa, de não participar das discussões presenciais do GEPEIS, de ter que modificar meus objetivos para poder concluir a tempo este estudo.

Se agora vivemos períodos entristecedores, decidi viajar no tempo, para encontrar o Rafael de dez anos atrás, estudante de jornalismo em etapa final da graduação. Naquela época, ele está envolvido com um programa de tv de gosto duvidoso, documentários e jornalismo literário, um gênero caracterizado por apresentar reportagens em uma escrita rebuscada, que une conceitos jornalísticos com a arte literária. Conto meus rumos na última década e lhe peço que escreva minha dissertação de mestrado, da forma que lhe agrada contar. Ele, orgulhoso de onde tínhamos chegado, e deixando de lado a preguiça enorme e falta de responsabilidade, aceita animado; pega o notebook velho, senta na mesa do *bar cristal*, acende um cigarro, pede um chope escuro - porque na época a bolsa de estágio rendia muito mais - e escreve a história que leremos a seguir.

4. A IMAGEM EM MOVIMENTO INVENTOU UMA MÁQUINA DO TEMPO: uma pesquisa sobre a prática do projeto Estúdio de Criação

*“O real não está no início nem no fim,
ele se mostra pra gente é no meio da travessia”.*
Guimarães Rosa - Grande Sertão: Veredas

No outono de 2018 entro no CASE (Centro de Atendimento Socioeducativo) de Santa Maria pela primeira vez. Na época era uma construção muito discreta, um muro grande e cinza e um portão amarelo de ferro. Sou recebido gentilmente pelos monitores e conduzido até a escola. No caminho, vejo um pavilhão grande, como os ginásios esportivos colegiais, mas no lugar das arquibancadas, estão as celas dos moradores, portas de ferro cinza com uma pequena abertura onde cabe um olhar. O cheiro é forte, essência de hormônios adolescentes. O telhado de zinco ajuda a ressaltar o odor. Esse tipo de construção faz o verão e também o inverno mais severos. A instalação possui grades repartindo todos seus ambientes, como os presídios que assistimos nos filmes. As janelas, diferente do que se imagina, não possuem barras verticais mas tramados de ferro como que fossem redes, que limitam mais a entrada de luz e de ar. Sou conduzido até o final do corredor, onde outra porta gradeada apresenta a escola.

Caminho no espaço da Humberto de Campos, uma quebra visual ao que encontrei no primeiro momento. Vejo as salas coloridas, com paredes desenhadas e cadeiras combinando com suas cores. São salas pequenas, que recebem poucos estudantes, no máximo seis por turma. Naquela época, as portas ainda ficavam abertas, e os monitores do CASE cuidavam a movimentação sentados em cadeiras no corredor. Vejo uma professora com cabelo colorido falando sobre arte para jovens atentos. Jovens parecidos entre si, no corte de cabelo, roupas e tatuagens.



Escola Humberto de Campos, localizada anexo ao CASE-SM (fonte: divulgação da FASE-RS)

A escola Humberto de Campos, instituição estadual localizada em Santa Maria, Rio Grande do Sul, atende os internos do CASE regional com idade entre 13 até 18 anos. O Centro possui capacidade de receber 39 internos, mas em algumas épocas chega a dobrar o número de moradores. Ele é dividido em duas alas, uma do regime fechado e outra do semiaberto, em que os internos podem visitar suas casas no final de semana. A escola possui 25 profissionais, professores e técnicos, algumas salas de aula, sala de direção, banheiros e a biblioteca que funciona como sala de jogos e atividades diversas como cinema e jogos. Os internos assistem aulas na parte da manhã e participam de oficinas no turno da tarde. Apesar de ter uma idade avançada, a maioria dos jovens ainda está no ensino fundamental.

A estrutura nova da instituição foi inaugurada em março de 2018, pois antigamente as aulas aconteciam em uma sala improvisada junto ao pavilhão dos dormitórios e quadra esportiva do CASE. Durante a inauguração do novo espaço, os jovens leram um texto produzido por eles:

*“A nova Escola Estadual Humberto de Campos
Parecia tão comum e tão igual
Apenas mais uma escola
Apenas mais um lugar
Para passar o tempo.
Mal imaginava ser tão diferente.*

Ao descer as escadas para a escola nova
 Aqui da Fase, qual a surpresa,
 uma escola, com jeito de escola
 Cheiro de escola, colorido de escola,
 Alegria de escola.
 Sinto que aqui não estou cumprindo medida,
 Me sinto livre....
 Os professores nos recebem com carinho
 Com um aperto de mão e um belo sorriso;
 Nos dão conselhos, nos escutam, nos tranquilizam quando
 estamos abalados.
 Eles sempre têm uma palavra que nos ajuda a pensar melhor.
 A escola é muito organizada,
 Gostamos de estar aqui, deste cantinho.
 Onde a ética, a amizade e a educação
 Nos dão força de vontade para seguir em frente,
 E um dia nos tornarmos alguém respeitado,
 E quando esse dia chegar, encheremos o peito para falar:
 - Eu aprendi aqui!
 Agradecemos professores, alunos e funcionários
 Que ajudaram a construir a Escola Humberto de Campos.
 Obrigado Professores por fazerem parte do nosso dia a dia.
 Nos ensinando: Português, Artes, Educação Física, Inglês,
 Matemática, Ciências, História, Geografia, Filosofia, Física
 Biologia, Química, Literatura e Espanhol.
 Nós sabemos que, um minuto não é suficiente.
 Para dizer o quanto vocês são importantes para nós.
 A cada professor que se dedica ao máximo
 Para nos transmitir seu saber,
 A cada colega que se esforça
 Para ter um bom futuro e tornar-se um bom cidadão
 A cada funcionário que dá tudo de si.
 Agradecemos a Deus pelos ensinamentos.
 A escola é o lugar onde aprenderemos como construir
 O início de um longo e belo destino.
 O lugar onde aprendemos a voar fora das amarras,
 É através do pensamento e do conhecimento que libertamos
 nossas mentes. Aqui somos livres, aprendemos que sonhar,
 amar, ser feliz e fazer os outros felizes depende de nós, não do
 lugar onde estamos.
 Para finalizar vamos citar o pensamento de Rubem Alves que
 descreve a nossa escola e como nos sentimos aqui na
 Humberto de Campos.

“Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas
 amam são os pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros
 coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer,
 porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser
 ensinado. Só pode ser encorajado”.

*Aqui na escola somos encorajados a alçar voos todos os dias.
Este texto foi escrito com a colaboração dos meus colegas, cada
um escreveu um pouco, e depois juntamos todas as opiniões
em um trabalho coletivo.
Muito obrigada pela escola nova e pela oportunidade.*



Equipe de professoras durante a inauguração do novo espaço de ensino (fonte: divulgação da FASE-RS)

Somos recebidos pela diretora da escola, professora Rosane. Ela já sabia previamente do projeto, pois surgiu de um convênio com a Pró-reitoria de Extensão e o Observatório de Direitos Humanos da UFSM. Sentamos na sala para conversar sobre os detalhes da realização das oficinas:

- *Estamos pensando em vir a cada quinze dias, durante dois meses. A ideia é passar um pouco de teoria de audiovisual e depois gravar um curta com eles, se for possível!*
- *Ah, os guris vão adorar, eles sempre gostam dos projetos. Só um não foi muito bem recebido...*
- *Esse projeto profe, sobre o que era?*
- *Um projeto de cinema!*

Nos olhamos com um pouco de surpresa.

- Ah, é que o professor trouxe uns filmes muito antigos, daí não chamou a atenção dos guris. Eles participaram até, mas o projeto não teve continuidade.

Apesar da facilidade que a linguagem audiovisual possui para falar com os jovens, não é qualquer filme ou qualquer prática que provoca reações positivas. Acredito ser importante levar em consideração quem são os espectadores, qual seu ambiente escolar e o que ele proporciona, quanto tempo e que condições temos para apreciar e refletir sobre uma obra, que temas são urgentes e ambientam as discussões particulares do nosso público, sejam professores ou alunos. É claro que causar estranhamento também é provocar, mas acredito que em um ambiente socioeducativo, em que a maioria dos jovens possui um repertório pequeno e teve poucas ofertas culturais durante sua vida, trazer obras de acesso mais fácil potencializa os diálogos e aproxima mais professor e aluno, ainda mais levando em consideração que o tempo que o adolescente passa na escola pode ser de apenas seis meses.

Comecei a lembrar as atividades com jovens da mesma idade que eles. Coisas que não chamaram muito a atenção e outras que deram muito certo. Em 2016, no início do projeto, apresentamos a primeira ideia metodológica para uma turma de sétimo ano do Instituto Olavo Bilac, outra escola estadual de Santa Maria-RS. Se tratava de um público muito mais novo, porém que recebeu muito bem as nossas proposições. Essa lembrança me traz a necessidade de narrar minha trajetória em alguns espaços de educação, voltar mais uma vez no tempo. Como toda boa história, essa também tem um começo, então vou contar como chegamos até aqui.

4.1. A história dos microcontos

Em 2016, havia feito minha primeira seleção para o Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Me apresentei a banca de seleção pretensiosamente, como já disse, sem nunca ter estado à frente de uma sala de aula. Por razão óbvia, não fui selecionado. Eu já havia me especializado em cinema e procurei um grupo na universidade que abrigasse o cinema em seus textos e práticas. Assim, encontrei o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), liderado pela professora Valeska Fortes de Oliveira.

Já que atuava em atividades do grupo, eu passava algum tempo no Centro de Educação da UFSM. Numa dessas vezes que me perdi pelos corredores do CE, que parece um *labirinto*, encontrei o João. João foi meu colega no curso de Jornalismo. João era muito peculiar: contava ter escolhido comunicação por indicação de seu tio que disse ser muito fácil se formar. Ele se recusava a usar celular, deixando nossa professora de comunicação digital indignada. Ele gostava de modas antigas, como ternos quadriculados e chapéus. Também fazia uma torta de bolacha deliciosa e tinha um grande carinho pelas artes. Nos tornamos amigos na faculdade. Junto com duas colegas, éramos conhecidos como o *grupinho do fundo*, por sermos um pouco contraventores - bem pouco mesmo. Após a formação em Comunicação, João seguiu para uma segunda graduação. Quando nos encontramos, ele estava no início do doutorado em Letras, enquanto eu buscava experiências para ingressar no mestrado. João já era professor estadual, e estava um pouco triste com seu desempenho na sala de aula:

- *Tô achando difícil motivar a gurizada. Quem sabe umas oficinas de cinema seriam uma boa. Que tu acha?*
- *Boa João, tô precisando de prática para tentar o mestrado aqui na Educação.*
- *Então quem sabe tu escreve uma proposta e eu levo pra diretora do Bilac?*
- *Tá, vou pensar em algo. A gente se fala.*

Não sei você, mas para mim o “a gente se fala” seria um código universal para nunca mais tocar no assunto. Mas acontece que naquele ano eu andava muito frustrado por não ter realizados alguns projetos, então coloquei na cabeça que esse deveria sair. Uns dias depois enviei a proposta para o João, e marcamos um encontro na escola.

Sou recebido pela professora Tânia, diretora do turno da tarde da escola Olavo Bilac. A escola é tão grande que precisa de três diretores para funcionar. São mais de mil estudantes, desde a educação infantil até o ensino normal - antigo Magistério. Ela não se mostra muito aberta, olhar desconfiado, com toda razão. Era um jovem cabeludo e barbudo querendo ocupar diversos turnos de quatro turmas de sétimo ano para praticar cinema nas disciplinas de inglês. O projeto é aceito em três turmas, já que a professora de espanhol de uma das turmas considera que seus estudantes não teriam *capacidade* para acompanhar as oficinas.

A ideia de trabalho seria mais ou menos assim:

1º encontro: teoria do audiovisual e da criação de história

2º encontro: criação de uma história por turma

3º encontro: gravação do curta

4º encontro: exibição do curta

Nosso cronograma não aconteceu dessa forma, e ali já começamos a entender que propor espaços de formação através do cinema é também se abrir para o inesperado e estar disposto a trilhar caminhos diferentes do planejado, ou até nem sair para caminhar.

Quando chegamos na escola com cinema, não é para formar cineastas, não é para transformá-los em consumidores de cinema, não é para livrá-los das drogas, não é para apresentar um conteúdo funcionalizados. Se com o ensino de arte não temos um norte: nem a história, nem o mercado, nem a comunicação, nem a revolução, o que podemos pedir como resposta aos estudantes quando chegamos

com o cinema? A resposta é simples: de preferência, nada. (MIGLIORIN, 2014)

Uma semana depois, entrei na sala de vídeo do Instituto Olavo Bilac. Uma sala grande, com cortinas grossas e cadeiras estofadas. Um sistema de som ótimo e projeção em um telão. Perfeitamente assustadora. Olhava aquelas cadeiras vazias e imaginava quem seriam seus ocupantes. Uma das turmas cravou com habilidade as teorias básicas das etapas de produção audiovisual:

*- Pré produção é o roteiro, produção a gravação e pós produção a edição!
Alguns exclamaram.*

- O que eu estou fazendo aqui?, pensei. Nos grupos estrelavam alguns youtubers, jovens que falavam inglês, alemão, russo. Era difícil surpreendê-los.

As turmas eram animadas, agitadas, gritonas. Participavam de todas as perguntas e faziam questão de defender suas opiniões. Diferentemente de trabalhar com adolescentes, que por questões variadas internalizam certa timidez e insegurança, crianças e pré-adolescentes ainda se expõem bastante. Ao contrário do pedido de silêncio comum em sala de aula, ao trabalhar com audiovisual o professor se vê ansioso pelo contrário, pelo falatório, pelo movimento; cinema é movimento até na concepção da palavra.

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos. (FREIRE, 1998, p. 29).

Sempre iniciamos as conversas querendo conhecer nossos estudantes, afinal, não se entra na casa de alguém sem antes pedir licença. Ao falar sobre seus

gostos, uma jovem revelou ir quase todo dia ao cinema. Várias citações de filmes, séries e também novelas brasileiras. Era uma geração que gostava muito dos filmes de terror. Essa onda cultural começou com o lançamento de “Jogos Mortais” - vou citar vários filmes e curtas aqui, tanto como referência como os que utilizei em sala de aula. Coloquei detalhes de todos no final da escrita, assim como links para acessar os curtas caso seja seu interesse - os produtores de “*Jigsaw*” iniciaram uma série de filmes de terror que se tornou popular e puxou outras produções no gênero, como os filmes da boneca “*Annabelle*”. As três turmas mostraram grande interesse pelo suspense e terror.

Abri uma pesquisa no google e descobri uma proposta muito interessante: o desafio era criar um conto de terror em duas frases. Também visitei o canal no youtube de um produtor que viralizou com o filme “*Lights Out*”, um curta vencedor do Festival do Minuto. Ele produzia, em casa, vários curtas de terror, usando sua mulher de atriz, uma ideia que inclusive seria ótima para esses tempos de pandemia.

No segundo encontro apresentei esse material para as turmas e foi um sucesso. Também propus o desafio da oficina: criar um microconto de terror usando, no máximo, três frases.

Todos os estudantes das turmas escreveram sua história. Dentro das turmas, escolhemos seis histórias, duas em cada, que foram transformadas em curtas-minuto. Por iniciativa dos estudantes, no final do ano a escola promoveu o 1º FEBIC, Festival Bilaquiano de Curtas, em que os filmes foram exibidos e premiados em 10 categorias.



Diretores dos curtas “A Última Chamada” e “Desafio Mortal”; Turma da primeira diária de gravação; Atriz e produtora do curta “A Hora de Dormir” produzindo uma maquiagem de terror; “atriz de “O Dia Assustador”.

Conto:

“Dois amigos conversam pela webcam. Até que um deles diz: “bem atrás de você”. Então ele se vira e não há nada de volta para a tela do computador e percebe seu amigo rindo e tem alguém atrás dele.”

Roteiro audiovisual:

INTERNA – NOITE – QUARTO DA SABRINA

Sabrina conversa com João Pedro por vídeo pelo computador.

João

Tem alguém atrás de vc

Sabrina olha pra trás, assustada, mas não tem ninguém.

Sabrina olha de novo pro pc. Sabrina percebe que tem alguém atrás de João. Pessoa no fundo, cabelo cobrindo os olhos, sorrindo. Faca na mão.

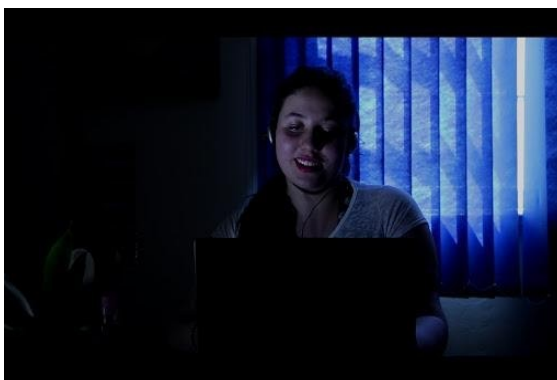
João está rindo que fez piada com a Sabrina

Sabrina

Não tem ninguém atrás de ti

Curta-metragem:

https://www.youtube.com/watch?v=Lfa_DqKcUzM&feature=youtu.be



"A Última Chamada" foi premiado no festival da escola como melhor roteiro, direção e curta-metragem.

Encontrei nestas produções uma forma de trazer à banda caminhos de provocação da imaginação durante a criação literária e sua transposição para o audiovisual. Em pouco tempo, uma ideia individual se transformou numa obra coletiva. Quando diferentes estudantes se apropriaram do que seria feito, várias ideias surgiram e enriqueceram a produção. Uma grande característica do cinema é justamente propor o trabalho conjunto e unir diversas visões em uma única produção. O diretor de arte propõe escolhas para cenário e figurino, o diretor de fotografia trabalha os planos, movimentos e luzes. O roteirista define sequências narrativas e o montador escolhe a melhor forma de apresentar essas sequências. O diretor de som desenha um campo sonoro que une toda essa história e o diretor é o que aprova todas essas visões para compor a obra final.

O momento da gravação acendeu a imaginação criadora da equipe, que adicionou um irmão na história, revelando que a protagonista conversava com um "fantasma". Um *plot twist* sobre outro *plot twist* - *plot twist* é quando a narrativa toma um rumo inverso ao que era esperado. As facilidades tecnológicas que estão ao nosso alcance possibilitam gravar diversas horas em uma pequena câmera de

fotografia. Os estudantes podem se ver e ouvir na pequena tela, regravar, alterar planos e repensar a história. É importante para o professor perceber essas oportunidades e explorá-las no processo criativo. Em entrevista com Valeska de Oliveira, perguntei sobre o que a final, para ela, o cinema faz na escola:

(...)Ela é uma das artes que do ponto de vista do campo que trabalhamos, o campo da imaginação, é uma das que mais aciona a imaginação. Sempre pensei assim, ao trabalhar com crianças ou adultos ou terceira idade, o cinema é criação. Por isso eu acho que quando o cinema entra na educação ele se alia a imaginação criadora. Colocar um celular na mão de uma criança e fazer ela criar um roteiro é colocá-la no mundo da imaginação. Tirar ela do lugar em que está sentada só copiando, repetindo, reproduzindo, para um outro lugar que é ter a possibilidade de poder imaginar o mundo, pintar na cor que ela quer, inventar narrativas, produzir uma história, levar para um outro lugar que ela criou. (Valeska Fortes de Oliveira)

Nossas práticas sempre se inclinaram mais a aprofundar a criação da história. Entendemos que a evolução da tecnologia de produção audiovisual hoje em dia proporciona maior facilidade em criar vídeos. O diferencial de hoje, que chama a atenção e é responsável pelas obras mais marcantes, ao meu olhar, está justamente em inventar ou recriar histórias e personagens complexos, cativantes, inesquecíveis.



Bastidores da gravação de “A Última Chamada”, uma discussão acalorada sobre qual seria o desfecho da história.

Foi incrível notar como os participantes se apropriaram dos espaços da escola, transformando o prédio do auditório em hospital, a sala da direção em um quarto, o jardim em um parque. Como as gravações aconteciam durante o período de aula, as turmas inteiras estavam presentes, e a maioria dos alunos participando ativamente da organização das cenas, das atuações, dos figurinos e maquiagens. Seu interesse os transformou naturalmente em protagonistas de todas as etapas de criação.

Eles vinham aqui pedir equipamentos. Pediam salas, pediam microfones, roupa emprestada porque tinham que fazer isso ou aquilo. Traziam muitas coisas de casa, pegavam o mobiliário antigo, para compor os cenários que foram apresentados nos filmes. Professora Meri Musa Nogueira, em “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora.”

Era motivo de muita alegria acompanhar de longe cada equipe com um diretor que comandava as ações dos atores, e um assistente de direção ou diretor de produção que repreendia as organizações, combinava cenários, dividia tarefas. Alguns ainda ajudavam nas produções de outras equipes, seja na criação dos roteiros, na direção de arte ou até atuando quando necessário. Incomodamos alguns professores pelo barulho excessivo nos corredores, mas essa chateação foi perdoada no momento de exibição para a escola.

É uma linguagem da atualidade. É contemporânea, é deles. Quando a gente diz que o aluno só se envolve quando é avaliado, não é bem assim. Ele se envolve quando quer algo mais. Professora Meri Musa Nogueira, em “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora.”

Neste relato, Meri Musa Nogueira relata um aspecto do cinema que é mover espaços escolares. Quando os estudantes se sentem protagonistas das atividades, ou seja, eles que estão na frente dos processos criativos, não é mais necessário

propor novas etapas. Elas acontecem por si só, ou não acontecem. Mas tudo movido pelo desejo dos jovens de criar, recriar e divulgar sua obra. A iniciativa de exibir os curtas em um festival nos deixou muito contentes pois mostrava como aquele trabalho era importante para os jovens, que não queriam só ver o filme pronto, mas também exibí-lo para toda comunidade escolar.



As primeiras filas do auditório do Olavo Bilac foram ocupadas pela animação das professoras da escola, durante o 1º FEBIC.

Do campo da literatura, propor criação de microcontos se mostrou uma metodologia muito positiva, uma vez que é uma escrita curta então motivou todos os alunos a escreverem sua própria história. Analisando ainda a construção narrativa do gênero do terror, percebemos que, diferente dos outros gêneros, no horror a história não precisa ter um final, ou apresenta cenas que dizem mais do que a oralidade, já que propõe elementos como o espanto e o sobrenatural, o desfecho pode ser aberto e mexer com a imaginação do espectador sem que exista um sentimento de que falta algo. Como caminhos que não percorremos, poderíamos ter imaginado a união de várias histórias em uma só, rearranjo de histórias com pequenas ideias de cada uma. Também pensamos que seria ótimo produzir um livro digital ou até impresso que juntasse os mais de cinquenta contos das três turmas.

Uma obra assim poderia iniciar uma nova dinâmica artística explorando a ilustração, diagramação, editoração, por exemplo. Seria uma forma de valorizar mais as escritas que não foram transformadas em curtas.

Para mim, em início de experiência formativa, foi ótimo avaliar como a metodologia se adaptou ao nosso tempo disponível e também ao deles, já que cada encontro tinha apenas 45 minutos. Propôr um curta de três frases facilitou a escrita e também o desenvolvimento dos curtas, que foram gravados e editados com muita rapidez. Além do catálogo de filmes, ao final da escrita você pode acessar outras produções literárias desse e dos outros anos, que servem também para mim, como um arquivo nostálgico das atividades até aqui experienciadas. Me refiro a imagem em movimento como uma máquina do tempo pelo poder de refrescar memórias, nos transportar para os momentos vividos. Relembrar esses períodos têm servido como uma terapia auto(trans)formativa, uma vez que anos depois posso refletir sobre as experiências, respostas dos estudantes e como isso modificou minha forma de vivenciar a sala de aula nos anos seguintes, rever minha forma de ser como professor e como nossos movimentos poderiam ser mais instituintes.



Poses para aparecer no jornal local (Diário de Santa Maria), exibindo os bilhaquitos e as maquiagens feitas para o Festival.

Assim, definimos a metodologia experimental do primeiro ano em seis encontros, chamada “Microcontos de Terror”, esquematizada dessa forma:

Apresentação	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa sobre gostos e conhecimentos no cinema e no audiovisual. • Apresentação da teoria da criação de histórias. • Proposição de curta-metragens para exercitar o aprendizado na criação de histórias.
Desafio	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do desafio virtual dos microcontos de terror. • Mostra de filmes de terror em curta metragem e curta-minutos. • Desafio: criar um microconto de terror com, no máximo, três frases.
3º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Os estudantes apresentam esses microcontos. • Reprodução das histórias no quadro e seleção da turma de duas histórias.
4º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita coletiva do roteiro para audiovisual das duas histórias selecionadas em cada turma
5º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Gravação do curta-minuto
Desfecho	<ul style="list-style-type: none"> • Festival de Curtas - exibição das obras para comunidade escolar

4.2. Baralho de personagens - o clímax das ações

As grandes histórias começam por personagens bem construídos. No segundo ano de atividades de extensão tivemos mais tempo com as turmas, que dessa vez, eram do terceiro ano do ensino médio. Devido a uma greve na UFSM, eu estava sem trabalho presencial na universidade, então passava bastante tempo na escola Olavo Bilac nos espaços de criação. Em contraponto, os educandos tinham pouco tempo para nós, já que estavam em ano de ENEM, concursos vestibulares,

militares ou em busca de empregos. Mesmo assim, os estudantes encontraram tempo para participar do projeto da forma que se sentiram à vontade - seja no roteiro, na produção, na atuação ou direção. Propomos uma nova metodologia, que chamamos de “Baralho de Personagens” (AMARAL; GONÇALVES; TOWNSEND, 2019).

Trazer a criação de personagens pode ser muito rico. Os participantes remexem suas próprias vivências e repertórios para imaginar uma criatura totalmente nova. Podemos explorar características físicas, como cor do cabelo, roupa, cicatrizes, tatuagens. Podemos pensar em personalidades, características do zodíaco, hobbies, manias, peculiaridades. Imaginar a história de vida daqueles ser. Inventar narrativas através do personagem já criado, como uma que usam: “o que seu personagem faria se visse um cão sendo chutado na rua?”. A potência criadora ao pensar um personagem é interminável.

Os primeiros encontros promoveram alguns diálogos: que elementos são necessários para caracterizar um personagem? Por que é importante um personagem complexo? Por que é interessante que ele siga uma mesma forma de ser durante toda trama, sem desviar de suas características? De que forma elementos literários e visuais ajudam a expor as características dos personagens?

Livremente, os estudantes criaram seus personagens. Colegas do curso de Pós-Graduação em Letras escolheram três em cada turma, levando em consideração características literárias para destacar os mais complexos. Numa turma, por exemplo, os três personagens selecionados foram uma policial serial killer, um cigano charlatão e uma pipa chamada Barbosa. Apresentamos os personagens e propomos a criação de argumentos variados que juntassem os três em uma única história. Assim, criamos diversas sinopses de variados gêneros, comédia, suspense, crime policial. Estas são algumas que surgiram a partir da metodologia:

“Gonçalo é um rei do crime. Se aproxima de Lucas e vê a pipa. Gonçalo fica amigo da criança e, sem que ela perceba, usa a pipa para o tráfico. Ashley é mãe de Lucas. Ela investiga os crimes de Gonçalo.”

“Na praça, Gonçalo conhece Ashley. Ele vê a policial apressada fora do horário de serviço, tarde da noite. Gonçalo segue Ashley e vê ela matando uma pessoa.”

“Lucas está sempre com sua pipa, Barbosa. Em um tiroteio envolvendo a gangue de Gonçalo, Lucas morre. Ashley, sua mãe, busca vingança? A pipa aparece em todos os eventos.”

“Barbosa é uma pipa colorida e feliz. Após a morte de Lucas, Barbosa perde as cores e se torna deprimida.”

“Gonçalo é amigo de Lucas. Um dia, o presenteia com uma pipa, Barbosa, com a intenção de usá-los para trocar informações do tráfico.”

“Gonçalo é querido na comunidade. Ashley levanta a hipótese dos crimes de Gonçalo e é desacreditada pelos colegas policiais.”

Ao final da escrita, você encontra um catálogo com as sinopses desta e das outras turmas do Ano II.

Nesse caso, o grupo resolveu juntar diversas ideias e construir uma grande trama. Trabalhamos com a turma a divisão de uma história em cinco pontos, e dessa forma, o argumento com os três personagens ganhou o nome de “Tudo Pela Vingança”, e foi assim escrito:

Argumento do curta “Tudo pela Vingança”:

Introdução: Gonçalo [o cigano] é chefe de uma gangue. Ashley [policia e serial killer] é mãe de Lucas, que brinca com uma pipa todo dia.

Ponto de Virada: Lucas morre em um tiroteio da gangue de Gonçalo. A pipa perde a cor.

Desenvolvimento: Ashley pede apoio para seus colegas de polícia e é ignorada. Ela decide agir por conta própria e busca vingança de Gonçalo. A pipa aparece em todos os locais em que Ashley persegue Gonçalo. Gonçalo desconfia da investigação.

Clímax: Guiada pela pipa, Ashley encontra Gonçalo na sua tenda fachada para venda de drogas, onde ele finge que lê mãos. Ela pergunta sobre matar alguém no futuro.

Desfecho: Gonçalo percebe que Ashley quer matá-lo. Ele atira em Ashley e foge, achando que ela está morta. Ela invade a casa de Gonçalo e, à sangue frio, o mata enforcado.”

Cada turma trouxe singularidades para suas produções, em relação narrativa ou estética, que se encontram em temas relevantes e urgentes para a juventude. As experiências vivenciadas foram únicas em cada criação, nos mostrando ensinamentos diversos sobre formas e possibilidades dos espaços de arte na escola.

4.2.1. A polarização política toma forma audiovisual em “O Candidato”

"Um cinema que sensibiliza, que pensa, que interroga, que convoca à alteridade, à sensibilidade, à imaginação. Trata-se do cinema como obra de arte, que eleva e que enleva, que nos move e comove, que desloca. Trata-se de um cinema que contempla e que se desdobra em abertura e possibilidades estéticas, éticas, poéticas, humanas, sociais e políticas." (Teixeira, 2011, p.183)

- E aí pessoal, que outra história a gente consegue fazer?

- Professor! Esse político de esquerda pode ser Deus, o fascista é o diabo e o gato é Jesus! O jornalista fica tentando mediar o conflito dos três!

Entre diversos argumentos criados pela turma, um deles sugeria um embate divino entre os personagens. “O Candidato” mostrou como estudantes de terceiro ano já se revelam politizados e críticos sociais em relação às dinâmicas de poder existentes no Brasil. A história conta como um político de esquerda vê sua relação amorosa ameaçada pelo pai da namorada, um viúvo fascista. Com o apoio de um

jornalista renomado, publica notícias falsas para incriminar seu sogro e ainda vencer a eleição municipal.

O Candidato é muito mais que uma comédia política. Inspirado na série “House of Cards”, o curta visualiza dois polos de pensamento político em nossa sociedade, e sugere como ideais extremistas opostos podem se misturar na busca pelo poder. Além disso, traz o tema das fake news um tempo antes de ser tão debatido na tv e nos meios virtuais.

Os alunos se vêem representados. Eles têm um momento de maior autonomia, cumpre um papel que a escola não consegue dar conta na sequência normal das atividades. Para os alunos mais ainda, porque o que mais o adolescente quer é se ver, e ali ele consegue se ver, ele vê a voz dele. A escola corta muito a voz dos alunos. (...) Para o aluno é um momento de “eu sou importante, eu sou relevante no contexto da escola. Estão me ouvindo e estão trabalhando por mim”. Professora Neditã Chagas, em “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora.”

A professora Neditã visitou algumas aulas do projeto. Sentou no fundo, observou. De lá, reclamava para os alunos: - “*nas minhas aulas vocês não falam tanto assim!*”. Neditã destaca a posição de protagonismo que o estudante assume ao se dedicar a uma experiência artística. Paulo Freire, na obra *Pedagogia da Autonomia*, defende que ensinar exige respeito aos saberes do aluno, nesse trecho em especial, às questões políticas:

Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 1998, p.15)

Freire defende uma educação dialógica, progressista, crítica. Explica que para ensinar é necessário respeitar a autonomia do educando:

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir afirmação várias vezes feita neste texto – o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE, 1998, p.15)

Freire argumenta que nos tornamos éticos a partir da consciência do inacabamento, de estarmos em constante mudança. Para ele, o professor que desrespeita a individualidade dos educandos foge dos princípios éticos de sua própria condição inacabada, em transformação. Muitas vezes a voz do aluno não é silenciada em aula, mas mesmo assim, ele não se sente confortável de se expor. Percebemos nas experiências com cinema que certas vezes diálogos e personagens inventados podem ser um meio diferente para que suas falas sejam ouvidas: “Coisas que eu percebi de alunos que em sala de aula têm uma postura introvertida e ali conseguiram expor uma face deles diferente” comenta a professora Carla Coradini, em “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora.”

E possibilitar novos meios de expressão do educando é importante não apenas para desenvolver habilidades orais, mas também para promover uma formação mais cidadã:

Os adolescentes com que trabalho, tem aqueles que são naturalmente mais extrovertidos, mas aqueles que não são, não tem espaço pra desenvolver isso na escola. Isso cumpre um papel essencial para uma formação cidadã deles que vai ajudar nas atividades no pós-escola Neditã Chagas, em “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora.”

Movimentos como esses se aproximam da ideia de experiência formadora de “aprendizagem pela experiência, que transforma complexos comportamentais, afetivos ou psíquicos” (JOSSO, 2004, p.37). Além de mudanças individuais, os professores perceberam novas dinâmicas entre os educandos:

O trabalho em projeto proporciona um convívio em grupo mais informal do que aquele em sala de aula enfileirados. Tem um contato maior, eles acabam se conhecendo melhor. Isso tudo gera boas relações. Carla Coradini, em “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora.”

Posso relembrar com alegria a relação de respeito e amizade dentro das turmas e também entre uma turma e outra. Muitas vezes aconteceram momentos de solidariedade na necessidade de figurinos, objetos e cenários. Os estudantes tinham alguma ansiedade de saber como andava a gravação do outro grupo, mas não no sentido competitivo. Notava uma grande expectativa para que as produções no final do ano fossem todas bem feitas para um grande festival.

4.2.2. “Ação e violência: é tudo que as pessoas querem ver”

Essa fala é do diretor do curta “Linhas Tortas”, uma obra que contornou nossa proposta metodológica. Diferente das duas outras turmas, essa já sabia do projeto e decidiu entre si que tipo de filme iriam gravar: um assalto a banco que dá errado. Durante a etapa de criação de personagens, quase todos os estudantes já imaginaram a partir dessa sinopse, então os argumentos sugeridos eram muito similares. Por outro lado, com a ideia já amadurecida, se pode aprofundar outras questões dentro da trama, como a estética de gravação e até ensaios de cena, além de dar mais complexidade a seus personagens.

Linhas Tortas conta a história de um jovem que, sem perspectivas financeiras, aceita o convite de um amigo para realizar um assalto a um pequeno banco local. O assalto dá errado quando um dos reféns consegue telefonar para seu namorado policial que vai ao seu resgate. Após o jovem ser baleado, o refém o reconhece como seu ex-aluno de literatura. Recuperado e na prisão de menores, o jovem recebe visitas do ex-professor, que o influencia a uma redenção escrevendo músicas e poesias.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 1998, p.15)

O curta toca em questões muito pertinentes para a juventude. Além da violência, a pobreza, o crime, a ausência de perspectivas, a insegurança do jovem que é morto pelos colegas de assalto e também a crítica ao acúmulo de riquezas dos grandes bancos. De forma natural, apresenta um policial gay e um professor que não sente rancor por ter sido feito de refém. Pelo contrário, busca ajudar seu ex-aluno e ex-sequestrador.

- Mas como vocês vão gravar dentro de um banco? Dissemos nós, cabeças duras.

- Não tem problema professor, a gente organiza um cenário no hall da escola, as janelas da secretaria são os guichês, e coloca os carros pra dentro do pátio!

Cezar Migliorin fala sobre a potência criativa ao explorar espaços físicos com o cinema e como eles influenciam a forma como a história é contada:

Entender a rua, o bairro, o vizinho, a cidade com o cinema é entrar em uma relação com o outro e, simultaneamente, em uma atividade crítica e criativa – do plano, do quadro, da luz, do ritmo. Em outras palavras, aproximar os estudantes do que o mundo tem a nos dar e, simultaneamente, permitir que eles criem e inventem com esse mundo. (MIGLIORIN, 2015, p. 10)

A forma como a produção deu certo e foi gravada em tão pouco tempo foi surpreendente para os professores. As gravações aconteceram em três manhãs, aproveitando diversos espaços da escola - a secretaria administrativa no hall de entrada que lembrava um banco, uma sala com grades para simular o presídio de menores e um refeitório que era a sala de visitas. Magicamente, o espaço se

transformou, assim como nossas visões sobre a possibilidade de uma produção dentro do espaço escolar.

O trabalho pedagógico e o resultado a gente vê na expressão, na forma como estão se portando, como estão pertencendo a escola, é um sentimento que começa a aflorar de pertença, à história deles dentro do Olavo Bilac. Meri Musa Nogueira, em “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora.”

O Instituto Olavo Bilac passava, na época, por diversos problemas estruturais devido a falta de investimentos governamentais, inclusive sendo ameaçado de encerrar suas atividades, fato impensável para uma das maiores escolas da cidade de Santa Maria. A apropriação dos estudantes pelo espaço escolar, como relata a professora Meri Musa, foi fundamental durante a campanha de preservação da escola.

4.2.3. “No próximo ano, tragam a equipe para o processo de edição”

(...) e que é transformadora do real, com o real, mas antes, uma transformação sem fim. O cinema é um relacionar-se com o mundo que mais interroga, vê e ouve do que explica. Trata-se de um posicionamento propriamente estético da ordem da ocupação dos espaços, dos tempos, dos ritmos, dos recortes, das conexões e rupturas. (MIGLIORIN, 2010, p. 7)

O terceiro curta trazia uma história que já mencionei. Uma mãe policial e serial killer tem sua filha morta em um tiroteio de gangues e a pipa de seu filho lhe ajuda a encontrar o assassino. “Tudo pela Vingança” foi nossa primeira falha com os educandos. Criamos um roteiro muito complexo com a turma, sem avaliar as possibilidades de execução. Exigia muitos cenários, personagens, e uma pipa sobrenatural que não se via forma de materializar para a linguagem audiovisual. Uma teoria importante do cinema é que tudo que é contado precisa ser visual para quem assiste, ou a narrativa não acontece. Por exemplo, em um roteiro simples: “uma mulher acorda em um quarto escuro, vai até a janela, abre a cortina e acende

um cigarro”, nesse pequeno trecho visualizamos diversas formas de contar essa história através de imagens. Um plano aberto para mostrar o quarto, um primeiro plano para identificar a mulher, um plano médio próximo a janela enquanto abre a cortina e outro close no cigarro sendo aceso. A história está contada.

No curta, não conseguimos transpor para o audiovisual diversas cenas. Procuramos dar o máximo de liberdade para os estudantes na hora de criar o roteiro, porém, no momento de produção nos deparamos com nossas limitações técnicas e de tempo para que o curta ficasse tão bom quanto o conto. No final, a montagem foi decepcionante para o grupo. No feedback recebido na gravação do documentário com os participantes, a equipe do curta sugeriu que no próximo ano os estudantes participassem do processo de montagem, pois muitas vezes é ali que se vê os buracos do roteiro e como a história ainda não se alinha numa narrativa interessante e bem contada.

Por outro lado, o curta se destacou nas atuações e direção de arte. O grupo era formado por diversos estudantes que participavam de um clube de teatro, inclusive incorporando na obra um personagem criado nas práticas cênicas. Além disso, trouxe uma menina irmã de um estudante no papel do menino que era baleado. Ela participou com muita seriedade das gravações, repreendendo bagunças e repassando texto com as colegas. Foi ótimo trazer a família para dentro da produção, como forma de legitimar ainda mais o espaço que havíamos proposto, já que levamos para dentro de suas casas os processos criativos e também porque muitas famílias não entendem as formas que a arte atua na educação. “Tudo pela Vingança” necessitava de mais tempo e recursos para ser uma obra audiovisual bem feita, porém como produção literária se destacou grandiosamente. Para mim, serviu como um ponto de pensamento entre a liberdade criativa da literatura e as limitações do audiovisual na hora de transpor sua narrativa visual.



Gravações de “Linhas Tortas”, “O Candidato” e “Tudo pela Vingança”, e participantes do Festival Bilaquiano de Curtas.

Foi um ano de evolução dos meus saberes como professor em formação e como extensionista. Decidimos registrar as práticas como projeto com o nome “Estúdio de Criação”. Registrar seus projetos em instituições é sempre positivo, pois além de oficializar o tempo revertido para as atividades, possibilita buscar bolsas e verbas para qualificar as aulas. Também recebemos um novo integrante, o Thomás, especializado em direção de fotografia e colega de trabalho na UFSM. Demos um grande salto na qualidade das produções, engajamento de estudantes, professores e comunidade escolar. A proposta desse ano venceu o prêmio “Professores do Brasil”, do MEC, como melhor proposta pedagógica para Ensino Médio da região Sul do Brasil. O Festival de Curtas realizou sua segunda edição, dessa vez mais pomposa. Como disse Valeska Oliveira, “os professores estavam tão bem vestidos que parecia entrega do Oscar”.

A metodologia “Baralho de Personagens” atuou com a escola da seguinte forma:

Apresentação	Apresentação de teorias do audiovisual e da criação de histórias Apresentação da proposta
2º Encontro	Técnicas de criação de personagem Proposta: criar seu personagem
Desafio	Apresentação dos personagens escolhidos Desafio: criar histórias utilizando os três personagens Proposta: escolher uma história e transformá-la em argumento de curta-metragem
4º Encontro	Transformação do argumento em roteiro de cinema
5º Encontro	Diárias de gravação
Desfecho	Festival de Curtas - Exibição dos filmes para comunidade escolar

Neste momento, senti o projeto atuando de forma completa, já que após o festival de curtas gravamos um documentário com um nome meio pretensioso: “Estúdio de Criação: a potência transformadora do cinema”. Nele, professores, direção, estudantes e jurados do festival falam sobre suas perspectivas em relação ao projeto: seu contato com os processos de produção e os filmes realizados, sua visão em relação ao cinema na escola e também sobre o projeto. Foi excelente para que pudéssemos olhar para o que estávamos fazendo, reorganizar questões e revitalizar nossas práticas para o ano seguinte.

4.2.4. Além da criação, aprendizagens que o cinema sacode nos professores: uma formação por dentro da profissão.

o formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta

que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); o formado forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (ecoformação) (NÓVOA, 2010, p. 24).

Pesquisar com - e não - sobre professores é colocar-se também em formação, um estudo feito *com* a escola. Abrir-se para possibilidades e entender que são processos internos: nos formamos a nós mesmos, não ao outro. Como posição de formadores, temos o papel de inaugurar espaços para reflexões, trocas, improvisos, porém é individual a escolha de se dispor a formação assim como a experiência é única para cada indivíduo:

Nas parcerias que vimos construindo com as escolas para as nossas pesquisas, rerepresentamos aos professores práticas que já vêm realizando, mas para as quais, muitas vezes, não conseguem reconhecer ou argumentar de forma reflexiva. Por isso, temos defendido, como outros pesquisadores da formação que a pesquisa na escola é com os professores e não sobre eles, e que a valorização das experiências e saberes instituem neles novas formas de ser docente e ser pesquisador na universidade. (OLIVEIRA, 2012, p. 94).

As propostas de formação assumem características humanas, de um olhar para si, de *poner-se* em formação, “por meio de uma circularidade em espiral ascendente proativa que se movimenta dentro da condição ontológica do inacabamento humano em busca do ‘ser mais’ (FREIRE,1998), e entender esse processo não como complemento da carreira, mas importante para sua própria história, "Formação assumida com uma escolha da própria existência, como busca de um estilo de vida, de um cuidado consigo" (Fischer, 2009, p.95). Apesar do processo formativo ser individual, é a partir do grupo que ele acontece:

Não é a partir de mim que eu conheço você. Em termos de pensamentos filosóficos, é o contrário. É a partir da descoberta de você como não eu meu que eu me volto sobre mim e me percebo

como eu e, ao mesmo tempo, enquanto eu de mim, eu vivo o tu de você. É exatamente quando o meu eu vira um tu dele, que ele descobre o eu dele. É uma coisa formidável. (FREIRE, 2014, p.185).

Percebemos nas experiências em formações com cinema, o quanto as criações reconfiguram grupos de estudantes e, seus professores, de modo que movimentam muitas pessoas para que uma única obra tome forma. Não é como uma poesia ou uma foto que possuem características mais intimistas e, por isso, podem ser realizadas por um único artista. O cinema é feito por muitas mãos, ouvidos, vozes e olhares.

Fazer cinema na escola é uma experiência rica para reduzir assimetrias entre professores e estudantes, e entre eles próprios. A descoberta de novos interesses e capacidades pode contribuir para uma reconfiguração da autoestima de alguns estudantes, o modo com eles são vistos pelos professores e colegas e, inclusive, pelas próprias famílias. (FRESQUET, 2017, p. 61)

O que pretendemos em formações de criação com cinema é mais que levar um conhecimento técnico de gravação ou de montagem, é importante também explorar esses campos, e também outros encontros que só o cinema consegue promover: "um encontro com o cinema como expressividade, como um largo horizonte de possibilidades que permitam a experiência estética, seja quem for o docente ou discente." (Ramos e Teixeira, 2010, p.8)

Na cultura educacional, quando pensamos em aprendizagem, temos em mente quase sempre os discentes. Na instituição da concepção de formação continuada e ou formação permanente, começamos a ter no espaço da docência o desafio do professor aprendente. O professor que desaprende também, porque como foi formado, muitas vezes, não corresponde mais aos desafios atuais que uma sociedade e uma escola precisa para acompanhar o seu tempo. O professor aprendente, no movimento que fazemos com a linguagem audiovisual, conhece conjuntamente com sua turma. Para que esse processo ocorra precisa de

disposição. Disposição para novas aprendizagens. Aprendizagens de outras linguagens e de outras posturas educativas.

o aprender a aprender do processo de aprendizagem, encarado como mudança inclui um desaprender para 'aprender a', que é objeto de menor atenção por parte dos professores, formadores, educadores (JOSSO, 2010, p. 233).

O cinema desloca a posição do professor em sala de aula, remexe as estruturas tradicionais. “Bem como estabelece outras formas de estar em aula, e descentraliza o papel do professor como figura central do processo de ensino e aprendizagem, pois todos se colocam no mesmo sentido a frente da tela.” (OLIVEIRA, 2017, p.98) A aprendizagem da linguagem audiovisual, talvez, seja a menos difícil de ser realizada quando os professores decidem acompanhar e se entusiasmar com os efeitos de um projeto de criação por parte dos estudantes. Um dos reaprendizados que já percebemos diz respeito ao poder do cinema em causar o abandono, a instabilidade. Lilian Saccol (2018, p.60) realizou práticas com cinema em sua turma na escola Sérgio Lopes, de Santa Maria: “a cada sugestão, pergunta, dúvida, e novos contornos que o trabalho trazia, percebia-se a instabilidade, certa incerteza, desconstrução de um planejamento para novas criações, um constante aprender e desaprender”. Paulo Freire propõe esse olhar sobre si e a valorização do autoconhecimento: “quanto mais me assumo como estou sendo e percebo as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me.” (FREIRE, 1998, p. 44).

Por isso a formação não acontece porque organizamos um curso, um projeto de formação para e com as escolas. Acontece porque os professores se dispõem, se implicam no desejo de mudança, de conhecer mais, no desejo de conhecer algo que ainda não aprenderam. E aí dizemos, o processo é pessoal. O que movimentamos são os dispositivos. Os dispositivos podem ser cursos, leituras, pessoas, encontros,

capazes de mobilizar o desejo pessoal para um conhecimento de si, um conhecimento outro, exigindo um tempo para si. Gilles Ferry (2004, p.54) afirma:

Ninguém forma o outro”, nesse sentido é que os indivíduos se formam por si mesmos por meio das mediações – os suportes que permitem a possibilidade de formação, mas não são a formação propriamente dita. Cada um é responsável por sua formação, que é mediada por dispositivos como leituras, relações com os outros, grupos de pesquisas e de aprendizagem, cursos, entre outras atividades que mobilizam saberes, possibilitando um processo formativo e o desenvolvimento do docente.

A arte, em si, é nossa linguagem inicial. Antes de falarmos, cantamos, antes de andar, já dançamos. Antes de escrever, já desenhamos. O GEPEIS escolheu o cinema como dispositivo em grande parte de suas experiências formativas. A mim é muito confortável, já que une minha pesquisa com meu conhecimento técnico. O audiovisual é a linguagem da cultura contemporânea. Através dela falamos mais próximos em ouvidos mais atenciosos, enchemos os olhos e abrimos imaginações:

É necessário que sejamos afetados, que eduquemos e reeduquemos nosso olhar, que aprendamos e desaprendamos, que abandonemos antigas percepções e significações e que possamos ampliar, interrogar, abrir novos horizontes por meio das mais diferentes imagens, sons, linguagens que o cinema pode proporcionar. É necessário que os professores que estão se formando, ou aqueles que já trabalham nas escolas, conheçam outros territórios, paisagens, imagens capazes de ampliar repertórios, para além do que eles conhecem e do que é imposto cotidianamente pela mídia de consumo rápido e líquido. (Bauman, 2010)

Defendemos aqui, o cinema como proposta de um ensino ressignificador, que sacode a estrutura tradicional da sala de aula e repensa formas de aprender e desaprender. Celso Henz critica a estrutura tradicional como a formação ainda acontece em vários espaços:

muitos cursos de “formação de professores(as)”, tanto inicial como continuada, ainda centram seus programas predominantemente na

aprendizagem de conteúdos, metodologias, didáticas... O que esses “aprendizes” de professor e professora aprendem é em boa parte o que vão continuar praticando, como “ensinantes”, no exercício da sua docência. (HENZ, 2007, p. 252).

O ano de 2017 foi de muitos aprendizados para o projeto, e principalmente para mim, já que em meio às produções aconteceu o nascimento da Bia, minha filha. Eu aprendia a lidar com um projeto de 9 meses, que foi o tempo que ficamos na escola, e também com um projeto de vida, depois de 9 meses de espera. Junto aos aprendizados, realizamos três curtas que venceram diversos prêmios de cinema estudantil, e já estão descritos em alguns artigos e livros pelo Brasil. No final, sobrou alegria e, dessa vez, maturidade e segurança para o grande desafio que viria no ano seguinte: pedir licença para propôr nossas práticas na socioeducação.

5. ATRÁS DAS GRADES, ESPAÇOS DE LIBERTAÇÃO CRIATIVA

*Liberdade bate na janela,
só pra sair, dar um rolê com as donzelas,
Mas antes do rolê, tenho muito a fazer.
Tô na FASE, tô aqui pra aprender.*

FASE é a sigla de Fundação de Atendimento Socioeducativo, uma instituição pública do estado do Rio Grande do Sul responsável “pela execução do programa estadual de medidas socioeducativas de internação e semiliberdade” (RIO GRANDE DO SUL, 2010). Tais medidas são aplicadas a adolescentes que cometem atos infracionais.

Dentro da FASE existem seis centros espalhados em diferentes cidades do estado do Rio Grande do Sul e sete na capital. Eles são chamados de CASE, (Centro de Atendimento Socioeducativo). O CASE - Santa Maria abriga adolescentes do sexo masculino da região central do estado. Com capacidade para 39 adolescentes, durante nossas visitas, a unidade sempre esteve acima da capacidade máxima.

Dentro do CASE-SM, encontra-se a Escola Estadual Humberto de Campos, onde os jovens podem dar continuidade ao seu estudo regular. Além de salas de aula com capacidade para seis alunos cada, a escola pública conta ainda com um laboratório de ciências, um auditório e uma biblioteca. Fora o ensino regular, nas acomodações da escola são oferecidas oficinas e outros projetos.

A parceria entre o Estúdio de Criação e o Observatório de Direitos Humanos da UFSM permitiu realizar dois anos de atividades dentro do CASE, atuando direta ou indiretamente com mais de 30 internos, além de contar com a participação nas oficinas de professores e profissionais de saúde do CASE. Em 2018, nossa primeira vez trabalhando com os jovens, realizamos encontros semanais intercalando dois grupos de, em média, seis meninos.

Não foi nossa iniciativa começar os projetos com jovens em privação de liberdade. Na verdade, era a única forma de conseguirmos verba nos editais de extensão da UFSM naquele ano. Não vou mentir, estávamos morrendo de medo. Colegas contaram histórias ruins sobre acontecimentos que deixaram professores intimidados no passado. A conversa com a diretora Rosane aumentou nossa ansiedade e insegurança, pois ela nos revelou que o único projeto desaprovado pelos socioeducandos foi um sobre cinema. Agrupamos todo material que já havíamos mostrado em outras oportunidades, colocamos em um HD externo e levamos para o primeiro encontro com os jovens.

5.1. A arte inspira: comédia e terror anarquistas

Ao entrar na sala no momento de conhecer a primeira turma, notei algumas excentricidades dos educandos. Os jovens do CASE-SM não usam um uniforme obrigatório, porém, todos seguem uma tendência muito parecida: camiseta, calça de moletom, chinelo de dedos já que não podem usar tênis, e um meião que puxam até cobrir metade da canela, por cima da calça. Seus cortes de cabelo são parecidos - raspados do lado com um topete empinado. Várias tatuagens de flores, com o nome da mãe, religiosas... Um certo dia eu, muito bobo, resolvi fazer uma pergunta:

- *Ô gurizada, por que uns quantos de vocês têm essa rosa tatuada na mão?*
- *Ah "seu", é tatuagem do PCM (Primeiro Comando Menor). Eu ri de nervoso. Eles estavam brincando comigo, claro.*

Voltando ao encontro inicial, preciso dizer que nos apresentamos com uma grande mancada. Depois de contarmos sobre o projeto e o que estávamos pensando em desenvolver com a pequena turma de 5 ou 6 estudantes, exibimos um curta - Linhas Tortas - produzido no ano anterior, na escola Olavo Bilac. A história é de um jovem que é baleado num assalto a banco e é preso. No final, ele busca

redenção no presídio. Eu não havia percebido o quão moralizante podia parecer para o grupo exibir aquele curta, ainda mais, logo na chegada. Foi no momento que subiram os créditos que a ficha caiu, e um grande silêncio tomou conta da sala.

- *“Ah, é assim que eles pensam que é aqui dentro?”*, disse um dos estudantes, sobre a estética de presídio de menores mostrada no curta.

Eu não sabia por onde seguir. Resolvemos começar a conversar sobre os gostos dos jovens sobre o cinema.

- *Eu não gosto de filme de terror, sor! Nos conta o colega mais novo, de treze anos.*

- *Seu! eu não gosto de filme de violência, fala outro, baixinho, o mais calado da turma.*

Certamente um momento de repensar estereótipos que ainda levávamos na época, conhecer jovens em privação de liberdade por atos violentos e descobrir que tinham tantas aversões estéticas como qualquer outro aluno. Buscamos algumas animações que estavam em nossa coletânea. Usar a animação em curta metragem como dispositivo é uma vantagem por dois motivos: o primeiro é que diversos desenhos, principalmente em curta metragem, não têm falas, somente trilha e efeitos sonoros, então você não precisa se preocupar com legendas. Isso também abre a possibilidade de trabalhar com produções de toda parte do mundo. Outra vantagem da animação é que se adapta a qualquer tipo de grupo, em qualquer faixa etária. Com intenção de analisar estrutura narrativa para cinema, mostramos *“Mr. Hublot”*, um curta francês vencedor do oscar, *“Alike”*, um curta espanhol que questiona a estrutura da escola e da sociedade, e *“The Surprise”*, um curta muito bem estruturado sobre um cão sem uma pata.

Os estudantes gostaram. Pediram seus gêneros preferidos para o próximo encontro. No final das contas, saímos satisfeitos. Um ponto positivo e inédito no projeto era que passávamos entre duas e três horas com eles, diferente dos 45

minutos dos períodos na escola anterior. Ter uma tarde inteira nos permitiu ir com mais calma com eles e também com nós mesmos, respeitar seus tempos e repertórios. Eles pediam, por exemplo, para não levarmos nada legendado, pois muitos ainda tinham dificuldade na alfabetização.

Nos encontros seguintes, descobrimos que podíamos acessar a internet no computador da sala de aula. Aproveitamos alguns momentos para que os jovens navegassem no *youtube* e nos apresentassem sua cultura. Descobrimos ali que muitos gostavam de *RAP* e *funk*, gêneros musicais que apresentam temáticas de grande influência em suas vidas. Esses encontros para conhecer o *Kondzilla*, *Racionais* e outros artistas nos deram ideia para o projeto do ano seguinte, que vou contar mais adiante.

Havia uma pequena dificuldade, uma vez que nossas turmas variavam de participantes toda vez que íamos até a escola. Como os encontros eram quinzenais, os jovens tinham tempo de terminar de cumprir suas medidas socioeducativas e voltar para casa, ou mudavam de setor ou ficavam no castigo por terem descumprido alguma regra do dormitório. Dessa forma, cada encontro era uma retomada do início, pois novos estudantes ingressavam na turma, e dessa forma não conseguíamos avançar em práticas diferentes.

Foi um processo de conhecimento mútuo. Ouvir aos poucos as histórias deles e também compartilhar as nossas. Descobri, por exemplo, que um dos estudantes era namorado da prima de uma ex-namorada minha. Sua namorada estava grávida, e há três meses, ele estava no CASE. Ele não havia contado ainda para ela que estava em privação de liberdade, tinha vergonha. Brincávamos que éramos parentes. O CASE-SM recebe jovens de todo centro do estado. Acredito que o convívio e a confiança fazem com que a gente se abra mais na sala de aula, desde o momento em que somos estudantes até nos tornarmos professores, e com eles não foi diferente. Após alguns encontros, conseguimos enriquecer nossos diálogos e

realizar duas histórias inspiradas em suas vivências. A proposta de incentivar os jovens à criação artística é extremamente importante como um processo socioeducativo e de formação ética, estética e social. De acordo com Silva,

Frente ao apassivamento desejado pela indústria cultural, torna-se imprescindível a formação de sujeitos críticos por meio do conhecimento das linguagens, das formas de produção, leitura e de apropriação dos meios de comunicação audiovisuais, sobretudo na experimentação artística que não se ensina, mas se vivencia. (SILVA, 2013, p. 153)

Essa ideia de experimentação artística está muito ligada a uma das primeiras constatações que realizamos nas escolas. O currículo, mesmo nas disciplinas das artes, são muito reprodutores e pouco criadores. Ana Soutto Mayor, durante nossa entrevista para esta pesquisa, reforça a ideia de tratar a arte dentro do espaço escolar como experiência de formação humana:

a arte deveria ter uma transversalidade em todo trabalho formativo nas escolas. Arte é pensamento, junto a filosofia e a ciência, são modos de pensar e interrogar o mundo. Penso que trabalhar com arte em todos os campos disciplinares não como ilustração, mas como texto, modo de indagar o mundo, é pensar uma formação humana para além do cognitivo, é pensar no campo dos afetos e das sensações. (Ana Soutto Mayor, em entrevista)

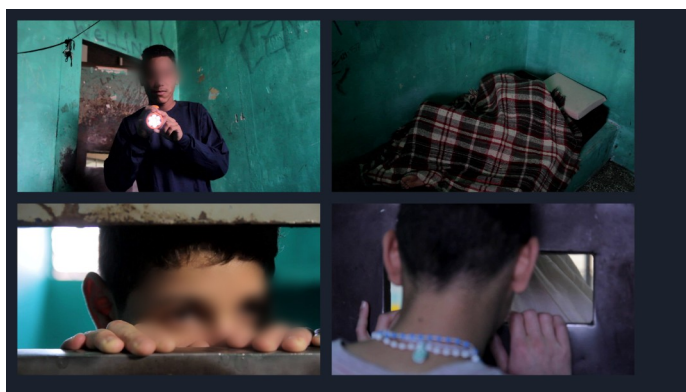
Nossa imaginação era limitada quando começamos a calcular as possibilidades de realizar um curta dentro do espaço físico disponível. Trabalhávamos com garotos do regime fechado, então de forma alguma poderíamos levar os alunos para uma gravação externa. Teríamos que ocupar e rearranjar o próprio espaço em que estávamos. Destes devaneios criativos, surgiram duas histórias: “Dormitório 19” e “Os Artistas Naskiera”.

“Dormitório 19” uniu duas lendas urbanas existentes entre os moradores do CASE-SM, o interno que assombra o dormitório 19 e a mulher de branco que vigia

os meninos no campo do lado de fora das instalações. Diz a lenda que se um interno preso por um crime grave olhar para fora a noite e enxergar a mulher de branco, ela vem assombrá-lo.

Os jovens criaram uma história de terror muito interessante:

Em uma noite no CASE, uma assombração de uma mulher de branco aparece em um dormitório. Um adolescente a vê e se enforca no seu dormitório. O adolescente e a mulher começam a assombrar o CASE. O colega de quarto do adolescente se junta a um monitor para tentar descobrir o que aconteceu. O colega de quarto descobre um diário que revela que a mulher de branco era uma mãe de santo e foi morta pelo adolescente, que estava revoltado com ela ao descobrir seu futuro e revelar que ele cometera um crime do qual se arrependeria. No final, o colega de quarto também morre.



Em um dos dormitórios do CASE-SM, o morador é assombrado pela falecida Mãe de Santo.

“Naskiera” é um termo dentro do CASE que significa “legal”. A comunidade de jovens nos apresentou diversas palavras novas nos dois anos de atividades.. Os Artistas Naskiera surgiu a partir de uma música de RAP gaúcho criada por um dos estudantes. A partir dela, desenvolvemos um argumento para um curta de comédia:

Um estudante, Alberto, tinha um sonho de ser cantor. Ele escrevia músicas na sala de aula, mas o professor de português, Frederico, não deixava ele cantar. O professor quer que ele faça as atividades de sala de aula. O aluno incomoda o professor para cantar. Responde o professor cantando e os colegas fazem um coral de “Você partiu meu coração”. Um dia Alberto escuta o professor cantando Anitta no banheiro. Ele pesquisa no youtube e descobre Frederico cantando num show de talentos e sendo vaiado.

Depois da aula, Alberto conversa com o professor, fala que viu o vídeo e incentiva o professor a cantar de novo. Alberto ensina Frederico a cantar afinado e propõe formar uma dupla de RAP gaúcho. No fim eles fazem uma música juntos (Vida de Gaúcho) e viram uma dupla musical.



A professora Lidiane Braz trouxe diversos adereços e roupas de casa para incrementar os personagens, além de ter atuado em uma das cenas. Ao lado dela, Raquel, psicóloga do CASE, participou dos encontros e da gravação de uma cena.

Todas as atividades contavam com a participação ativa da professora Lidiane. Lidiane é educadora especial da Humberto de Campos. Ela também foi minha colega no mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSM. Por coincidência, quando conhecemos as turmas ela era a professora responsável. Lidiane participou de todas as oficinas com as duas turmas, analisando filmes, dando ideias para as criações e também atuando em uma das produções.

A gravação desse curta me marcou muito porque possui uma cena final em que eles cantam para uma grande plateia. Por medidas de segurança, não era permitido mais de seis jovens na mesma sala. Para a gravação da cena, lotamos a biblioteca com quase todo turno (cerca de 30 adolescentes) e todos os professores presentes. O professor de gaita da escola também foi ao evento, como personagem das gravações. Foi muito simbólico ter segurança e confiança de toda comunidade escolar e do CASE para poder encher uma sala de gente e realizar o curta. Se mostrou um sentimento de finalmente fazer parte da Humberto de Campos.

Antes de escrever essa parte do texto, resolvi capturar as fotos que desejaria mostrar na narrativa. Fiz isso pois as imagens revivem memórias, nos fazem viajar novamente para aqueles momentos, como o título do capítulo sugere - a invenção de produzir imagens criou uma máquina do tempo. Nossa memória é seletiva e as

vezes falha, reviver momentos através da imagem é uma forma de trazer vivências de um modo que aguça os sentidos.

Pelas peculiaridades de termos um grupo que variava muito, nossa metodologia no terceiro ano de atividades, primeiro no CASE, foi um tanto *anárquica*. De modo geral, tivemos que estruturá-la para que, em três encontros, tivéssemos início, meio e fim.

Apresentação:	Apresentação da teoria da criação de histórias e teorias de produção audiovisual.
Desenvolvimento:	Apresentação de curtas e séries analisando suas ideias e formatos. Criação de um argumento
Desfecho:	Criação de um roteiro e gravação de um curta Exibição para comunidade do CASE

Os curtas foram exibidos na festa de final de ano do CASE. No salão grande do Centro, mais de oitenta jovens, todos os professores e profissionais riram e aplaudiram as obras. Ao longo do ano, os pais dos internos também puderam ver as produções em dias de visitação. Ganhamos agradecimentos, fotos, e a percepção de que era um caminho certo e relevante a se seguir naquele espaço entre grades.

Os socioeducandos nos inspiraram a ter novas ideias, percebendo que seria ótimo explorar mais as suas musicalidades, pois era a arte que mais ganhava sua atenção, uma vez que fazia parte de seu cotidiano. Decidimos que na temporada seguinte iríamos levar a proposta da criação de uma música e de um videoclipe, uma experiência que seria nova tanto para eles, quanto para nós.

5.2. A arte cria: batalhas de *RAP* no CASE

*A FASE é uma fase
na vida da gente.
Não é pra pior,
o melhor tá pela frente.*

O segundo ano de atividades na escola Humberto de Campos marcou um período de voltar para mim e refletir sobre as vivências formativas. Foi uma época de recuar, repensar, e me abrir a novas ideias dentro do ensino da arte. Queríamos ampliar nossas limitações de saberes e propor além do audiovisual, a experiência musical. Os meninos nos contavam que um dos poucos momentos de alegria era ouvir rádio dentro dos quartos até a pilha acabar. Especificamente, escolhemos o gênero do *RAP* como proposta de trabalho com o grupo, ritmo que se destacou nas oficinas do ano anterior. Joseli Fernandes e Eliane Rodrigues caracterizam o *RAP* como:

a voz da periferia, mais especificamente, das potencialidades e representação da realidade e do povo negro, que ainda sofre com a ideia de um passado de escravizados que influenciam o imaginário coletivo e prejudica a representatividade e o desenvolvimento da identidade negra. (FERNANDES e RODRIGUES, 2018, p. 21)

Pensar em uma proposta que envolvesse música e videoclipe era saber que não poderíamos estar a frente de todas as etapas, pois era necessário uma equipe de professores de diferentes áreas. A sorte de trabalhar em uma instituição de ensino e sugerir contribuições para atividades com jovens em privação de liberdade foi notar como é muito possível encontrar pessoas interessadas no propósito. O grupo contou com profissionais e estudantes das áreas da comunicação, letras, pedagogia, filosofia e música e tecnologia. Pensamos em uma metodologia que dividiria a primeira semana para criação musical e a segunda para criação audiovisual. Foi um momento de ter humildade e perceber que quanto mais vozes

estivessem a frente das oficinas, numa rica experiência transdisciplinar, nossos resultados também se enriqueceriam.

Junto a professora Carla Flores, diretora da Humberto de Campos na época, decidimos realizar as oficinas durante as férias de inverno da escola. Serviria para que pudéssemos explorar os espaços sem interferir nas outras atividades de ensino e também para que os jovens pudessem ocupar o tempo de recesso que é muito ocioso. Em período de férias escolares, eles passam o dia dentro de seus dormitórios, saindo apenas para momentos rápidos de higiene. Definimos que nossos encontros seriam diários, durante duas semanas.

Entramos em contato com o Co-Rap (Coletivo de Resistência Artística Periférica), um grupo de RAP da cidade, para ministrar oficina sobre rimas, métrica, improvisação e batalhas de rap.

Após conversas virtuais, em que explicamos o projeto, combinamos de contar com Fernando Britto para nos acompanhar no primeiro encontro. Britto é bem falante, olhar desafiador, sempre atento. Cabelos compridos, barba, roupa descompromissada. Seu caminhar faz parecer que está sempre em concentração para a qualquer momento entrar em uma batalha e disparar uma nova rima. Conhecido como “professor” nas batalhas de *RAP* da cidade, por cursar filosofia e dar aulas em um pré-vestibular popular, Britto não fazia parte do Co-Rap, mas mostrava um enorme entusiasmo em participar da equipe.

Entramos na sala da biblioteca, a maior da escola. Cheia de livros, revistas, materiais pedagógicos e multimídia. Os jovens chegavam aos poucos, como sempre. Um a um, são revistados no caminho dos dormitórios até a escola. Como sempre, cumprimentam a todos e se apresentam, sentando acanhados.

- *Eu te conheço das batalhas dos bombeiros! Diz um jovem, se direcionando para Britto.*

- *Ah sim, já te vi lá! Qual teu nome?*

- *Improvisa um RAP aí pra nós Britto.*

Britto improvisa rimas temáticas, já apresentando nossas ideias, pedindo palavras para os jovens como disparadores de suas músicas. Os versos são naturais e fortes, quebrando o gelo natural do primeiro encontro como batidas de martelo. Em minutos, Britto ganha toda turma, que lhe enxerga com olhos de fãs em um show, empolgados, maravilhados. Ele conversa na linguagem dos estudantes, sobre seus assuntos e amigos em comum. Por nossa sorte e alegria, Britto comandaria as atividades de criação, incentivando os jovens a expressões de diversos modos. Da mesma forma, a turma ganha o professor, que só esperava participar de dois encontros, mas acabou acompanhando a equipe em todos os dias de atividades.

É um aprendizado para o professor saber recuar. Ali via que minha função nas atividades seria apenas organizar os fluxos de trabalho, a distância. Contava com tanta gente especial e apaixonada por sua área, que me restava acompanhar o que se desenhava nas linhas de produção artística, e aproveitar para também aprender.

*Rezo antes de dormir todo o dia pra sair
fazer algo por mim e não me destruir
olho a portinhola, mesma cena todo o dia
faço um crochê, minha mente é magia.*

Nosso primeiro encontro foi de exibição e análise de alguns videoclipes que poderiam abrir alguma conversa ou servir de inspiração para nossa criação. Exibimos “Amarelo”, do Emicida, “Bluesman”, de Baco Exu do Blues, produção premiada internacionalmente que reúne várias músicas de um álbum em um filme

musical. Alguns artistas haviam lançado produções nesse estilo de álbum visual, como Beyoncé com “Lemonade” e Anitta com “Kisses”. Mostramos e discutimos também produções do repertório *apreendido* com nossa turma do ano anterior, “Tragédia 2” (MC Moreno), “Lalá” (Karol Conka) e “Vida Loka parte 2” (Racionais MC). Geramos reflexões sobre roteiro, personagens, cor, sincronicidade e estética.

O segundo dia foi conduzido por Jimmy Brás. Jimmy é um paulista com ar de mineiro por ser extremamente calmo, atua como músico e é estudante do curso de Música e Tecnologia. Jimmy trabalhava comigo e alguns colegas em um projeto de produção de documentários na UFSM, e aceitou se unir a equipe nas atividades do CASE. Jimmy apresentou uma aula sobre a história do RAP e do Hip Hop, e na segunda metade realizou exercícios com toda turma de técnica vocal e preparação física para cantar. É interessante ver como atividades físicas cativam os socioeducandos, adolescentes com tanta energia mas que às vezes passam um dia ou dois deitados em um dormitório pequeno.

*Eu não quero isso pra ninguém,
mas eles vem embalado mais pesado do que um trem.
Parece que esqueceram que estão na FEBEM.
Tem bandido do mau,
tem bandido do bem.
Mas malandro que é malandro
não faz mal a ninguém.*

O encontro seguinte recebeu um guitarrista da cidade, Yuri ML, que fez questão de ir mesmo não fazendo parte do cronograma. Neste dia aconteceu um fato que me fez refletir que, às vezes, a melhor aula é permitir que nada aconteça. Era uma tarde fora do comum dentro do CASE. Um novo interno havia sido preso por um crime considerado grave para a comunidade. Os jovens do presídio de menores possuem suas próprias regras, condutas, delitos que são aceitáveis e outros que não são. A infração do novo morador era considerada de punição para os

internos. Gritos retumbavam de diversos quartos através das galerias e entre os setores, em um coral que não combinava com nossa música:

- *Manda ele pro setor A!*
- *Libera aí Seu! Bota na nossa galeria!*
- *Esse aí vai cair. Joga pra nós!*

Foi o único dia difícil que passei dentro da escola. Um clima tenso emudecia um pouco a todos nós, anunciando que não poderíamos prosseguir naquele momento. Yuri levantou da cadeira, ligou sua guitarra elétrica na caixa de som, em um volume alto, e começou a brincar com os pedais, mostrando diferentes sons para o grupo. Os jovens improvisavam cantorias, pediam músicas, se alegravam. Pouco avançamos naquele dia no cronograma das atividades programadas, e isso foi ótimo. Por ventura de ter um instrumento musical e um microfone, transformamos a tarde num agradável encontro de karaokê, que abafava os sons das galerias. Às vezes, criar exige um tempo de parada, de rearranjo, de cuidar de si.



Yuri comanda ensaios com a guitarra. Ao fundo, Britto motiva a gurizada e Jimmy instala seu equipamento de gravação de som.

Os dias seguintes foram de muita produção: escrita de letras, escolha de batida musical, criação de roteiro e gravação do videoclipe. A turma modificou um pouco, chamou novos membros dos quartos: *“Tem o Jackson que fica cantando no*

dormitório dele, faz uns RAP e uns funk naskiera! Vê se ele não quer descer, sor”.

Outros colegas e bolsistas do trabalho também começaram a se integrar ao grupo de professores, ajudando nas etapas de gravação de vídeo. Criamos um pequeno estúdio dentro da sala da biblioteca, e tivemos permissão da equipe do CASE para realizar gravações em todos os espaços, já que os jovens queriam mostrar sua rotina no confinamento no videoclipe.

*Sempre fui vaso ruim de quebrar,
mas rachei e tô tentando consertar.
Penso em liberdade todo o dia,
Penso na coroa, penso na família.
Tenho meus irmãos de fé, pois é.
Liberdade pra nós se Deus quiser.*



Os jovens experimentam gravar com a câmera, o estúdio montado na biblioteca e a sala de aula com o roteiro escrito no quadro.

A música criada pelos estudantes reúne suas experiências de vida antes e durante o período de privação de liberdade, e abarca suas angústias, desejos e sonhos para o futuro. Elementos de família, principalmente na figura da mãe e dos filhos, e espaços de violência ganham força na obra, representando a vivência que os levou a privação de liberdade e seu cotidiano atrás das grades. O roteiro

apresenta tanto atividades que eles gostavam (jogar futsal, tomar sol no pátio, jogar xadrez e ir para a sala de aula) quanto momentos difíceis para eles, como sentir saudade da família, experienciar o confinamento, enfrentar problemas psicológicos ou pedir água para um agente socioeducativo toda vez que sente sede. Dez jovens contribuíram com a letra, e cinco deles a performaram na música e no videoclipe. A obra ganhou o nome “Sonho de Liberdade”.

Após duas semanas de encontros, o videoclipe estava gravado. A finalização de música e vídeo demorou meses. No dia da exibição na escola, próximo ao final do ano, alguns participantes haviam concluído seu período de reclusão. A metodologia do RAP no CASE se estruturou assim:

Apresentação	Apresentação das propostas e análise de vídeos
2º Encontro	Apresentação da história do RAP e Hip Hop ; realização de exercícios de voz e corpo
Desafio	Criação de letras e rimas ; escolha de cantores e de batidas musicais
4º, 5º e 6º encontros - Desenvolvimento	Criação de músicas e gravação musical; criação de roteiro e desenvolvimento de cenas
Desfecho	Gravação do videoclipe Exibição para a Comunidade do CASE

Olhando para o processo, foi, para mim, formativo do início ao fim. Desde o momento de pensar em uma prática que era desafiadora por trazer um campo que não tenho conhecimento, nunca passei perto da música além de um karaokê e um violão velho que mais serve de decoração para sala de casa. Estar na presença de tanta gente de diferentes áreas foi transformador, por ver elementos de destaque em tantos lados, contribuições diferentes e notar a gurizada genuinamente envolvida por aquele processo - muitas pessoas acusam os internos de um falso

comprometimento, apenas para tentar reduzir suas penas. É formador dar voz a sujeitos oprimidos pela sociedade e rotulados como transgressores violentos, mais uma vez praticando a alteridade, aceitar seus lugares e pelo menos entender as opressões sociais que os levaram àquele espaço. Todo final de encontro trazia um sentimento de redescoberta, reflexão, que depois se manifestava como terapêutico.

Fazer algo que parece de fato relevante é uma cachaça dentro da profissão, e talvez seja isso que fortalece tantos professores e professoras a seguir em um meio tão dilacerado pelas condutas políticas e sociais.

6. A ARTE CONTAGIA - EM TEMPOS PANDÊMICOS, O EFEITO DO CINEMA NOS PROFESSORES DA HUMBERTO DE CAMPOS

“Oi Rafa, eu sou a profe Dalzija Gavioli. Trabalho com a área da Matemática no Ensino Médio e Ensino Fundamental, há 30 anos. Adoro trabalhar com os meninos. Faz 6 anos que as mais variadas histórias de vida passam e deixam aprendizados, mudanças de pensamentos e condutas e bastante saudades na minha vida.”

Em julho de 2019 aconteceu minha banca de qualificação. Em um dia frio e chuvoso, conversei com os professores sobre os rumos que a pesquisa poderia tomar. Definimos que meu objetivo seria avaliar saberes possíveis através de uma formação em cinema com os docentes da escola estadual Humberto de Campos. Por causa de uma greve estadual, o calendário escolar empurrou as férias para fevereiro de 2020, e minhas formações iniciariam na metade de março. Na metade de março foi decretada quarentena no Brasil, fechamento de escolas e isolamento social como prevenção da pandemia da covid-19.

Viver em quarentena e assumir uma vida dentro de casa foi muito difícil no começo. Taurino de signo de terra, adoro uma rotina, e a minha envolvia muito tempo fora de casa em atividades físicas ou passeios com minha família e amigos. Minha resolução de 2020 era viajar mais para Porto Alegre e Uruguaiana, cidades que guardo diversas relações fraternas. Durante um mês fiquei travado, perdido na vida social, profissional e acadêmica.

A inconsistência dos dias afetou quase todas as pessoas que eu mantinha contato. A situação inesperada e preocupante me deixou sem saber se modificava a pesquisa ou insistia nas ideias torcendo que logo tudo passasse. Era difícil pensar em criar com professores sem o contato físico, o encontro. Porém, a pandemia não passou. Um tempo depois, me reuni com a nova banca para repensar os caminhos

de estudo. Decidimos por um plano B, avaliando as atividades já realizadas e procurando a visão dos professores da escola através de uma entrevista virtual.

Inspirados pelas dinâmicas realizadas com a comunidade do Instituto Olavo Bilac durante o documentário “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora”, propomos algumas perguntas em um grupo de *whatsapp* com os professores da Humberto de Campos. Enviei duas perguntas por semana, durante três semanas. Os professores podiam responder apenas às questões que desejassem, já que alguns eram novos na escola. No grupo virtual, enviei *links* com o intuito que o docentes revisitassem as produções realizadas pelos estudantes nos dois anos de projeto: os curtas metragens “Os Artistas Naskiera” e “Dormitório 19” e o videoclipe “Sonho de Liberdade”. Recebi as respostas individualmente, por e-mail. Uma das perguntas foi um anseio meu para que esta pesquisa registrasse o tempo que vivemos de uma pandemia histórica:

Estúdio de Criação & Escola Humberto de Campos

Os estudantes narraram em audiovisual suas experiências sobre o período em que estavam confinados pelo conflito com a lei. Que imagens você compartilharia ao pensar em seu período de isolamento, de certa forma, um confinamento para preservar a saúde? Como você contaria sua história durante esse período?

Além de mãe, sou professora da rede básica de ensino e mestranda em educação da UFSM. Então, tenho vivido as agruras do ensino remoto no ensino público muito de perto e de vários ângulos. No começo foi bem desesperador, angustiante, pois temia muito que os alunos da Educação Especial que historicamente já são excluídos das práticas de inclusão, nesse momento se tornassem invisíveis!
(Professora Lidiane Braz)

Em diversos momentos refletimos sobre diversos obstáculos que educandos enfrentam para conseguir acompanhar aulas remotas. Nas primeiras experiências como estudante em uma sala virtual, já notei que não conseguiria realizar uma formação audiovisual sem um encontro presencial com meu grupo. O cinema acontece no presente, na equipe, na discussão de ideias e perspectivas. Lidiane traz uma outra visão mais sensível, que remete aos estudantes especiais que já enfrentam dificuldades na escola tradicional, e agora encontram um novo obstáculo no ensino a distância. São jovens que, muitas vezes, necessitam do contato pessoal, pois nem a melhor conexão ou o melhor equipamento vão servir para seu aprendizado.

tenho me sentido atropelada pelos dias, que passam voando. Sinto-me exausta e com a sensação de “dívida”, pois não consigo dar conta de todas as demandas, de cuidar da casa, auxiliar a filha com as atividades escolares, pesquisa acadêmica e ensino remoto, a sensação é de que algumas coisas ficam para trás, e ficam...
(professora Lidiane Braz)

Outra realidade de tempos de pandemia é um apagamento na linha que divide o tempo de serviço do tempo privado. As novas configurações de trabalho extrapolam o espaço caseiro, com atividades que às vezes tomam a rotina de um dia inteiro. Perdemos a noção de tempo ao trazer para dentro de casa toda nossa teia social, que envolve, principalmente, relações de estudo e trabalho.

Um dos primeiros pensamentos que tive com o início da quarentena foi “bah, como será que os guris estão lá no CASE?”. Depois pensei, “ué, estão do mesmo jeito, esse é o normal para eles”. Apesar de podermos sair eventualmente e falar com nossos queridos quase sempre que dá vontade - porque muitas vezes alguém está em reunião - o início da pandemia trouxe um pouco da sensação que os estudantes sentem na privação de liberdade.

Penso muito como é; a solidão, o medo e tb no seu desentendimento do porquê estão ali, pois para muitos que nasceram no meio do conflito, cometer delitos é quase uma normalidade... [o pai foi, a mãe foi, os tios e primos foram, ... quase lógico que eu serei privado da liberdade também, (ouço muito sobre o natural da sua família).
(Professora Dalzija Gavioli)

Mesmo aceitando o *novo normal*, em uma reflexão maior vemos que os moradores do CASE-SM também mudaram suas rotinas, uma vez que não podem receber visitas de seus familiares, um momento que é de extrema importância para muitos internos que conversamos. Os adolescentes que não possuem esses momentos - por motivos financeiros, de distância, ou outras circunstâncias - se mostram muito mais desmotivados com as atividades e também mais afetados física e mentalmente pela situação de aprisionamento.

Tentei algumas vezes fazer paralelos dos nossos isolamentos, mas eles não existem, são situações totalmente diferentes. Penso que os meninos estão duplamente confinados, pois se a vida fluísse normalmente, sem o vírus, eles teriam um turno de escola e o principal o encontro (o abraço) semanal dos familiares.(professora Dalzija Gavioli)

A professora “Dal” relata duas atividades que salvaram muitos momentos durante a pandemia do Coronavírus - a arte e a culinária:

No início, até nem me chateava, era novidade das boas, pois após fazer as minhas atividades do lar com muito sabão e álcool 70° e do trabalho da escola, deliciava-me assistindo filmes, lendo livros, fazendo pães, bolos e outras atividades que nos dias, ditos normais, eu não fazia. (Até geleia de maracujá eu fiz). Mas acabei enjoando... não era o meu corriqueiro, o meu afazer diário de uma profe 40 h.
(Professora Dalzija Gavioli)

Essa dificuldade de adaptação ao que a mídia chama de *o novo normal* reflete em nossos hábitos mais comuns. Hoje em dia, é difícil encontrar alguém que não esteja um pouco *estranho*:

Em meados de junho, a marcante 03h da madrugada começou a me acordar, pensamentos e lembranças vinham e me obrigavam arregalar os olhos... atordoante!!! Opssss... ficava tanto na cama e levantava tão cansada, isso estava fora da normalidade, então me dei por conta de algo, meus horários estavam bagunçados, me organizei e comecei a dormir mais tarde e levantar mais cedo, voltar ao meu ciclo normal de sono... ufa consegui reestruturar as minhas noites. (Professora Dalzija Gavioli)

Se por um lado nos estranhamos nas coisas mais básicas como a hora do sono, por outro voltamos a refletir sobre coisas que realmente fazem falta e são importantes em nosso cotidiano:

Pra mim a aula é o encontro, eu não ser interrompida por uma internet que cai e eu não ver o piscar de olhos, a perna inquieta, mediado pela rede não se tem nem noção de como aquilo que está falando está chegando nas pessoas. Eu quero o encontro, o que eu quero mais agora é o encontro, não o encontro mediado pelo virtual, o encontro físico, corporal, do toque, do abraço. (Valeska Fortes de Oliveira, em entrevista)

O encontro e o carinho foram ressignificados em nossas vidas, tanto nas dinâmicas fraternas quanto nas experiências de ensino e aprendizagem, ganhando uma importância maior:

A minha longa espera semanal é a chegada do sábado, dia de visitar a minha mana Rô, em tratamento com quimioterapia (daí o meu cuidado tão grande em não me contaminar). Dia de matar a saudade, de rir e chorar, de colocar em dia o que tínhamos vivenciado durante a longa semana. Passamos os sábados inteirinhos juntas, sem falhar nenhum, da manhã até a noitinha, isso me recarrega de energias boas, sei que o mesmo acontece com ela, mesmo ficando bem longinho... precisamos uma da outra, precisamos da troca de olhares, do carinho, do amor fraternal, mesmo sem existir o toque, o abraço. (Professora Dalzija Gavioli)

Estamos agora em um momento de transição, já em um período de regresso a algumas atividades sociais mesmo que com uma lista grande de cuidados, que chamamos de distanciamento controlado. Durante esse ano, percebi que a maioria

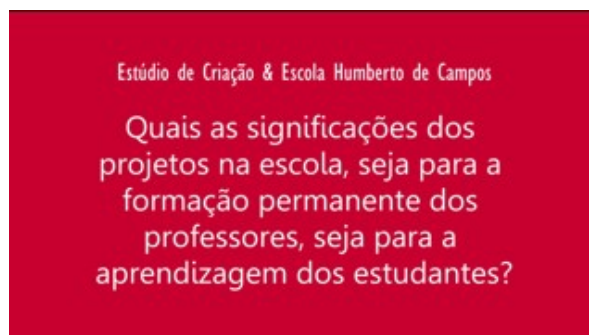
de meus próximos, e aí eu me incluo, uma hora ou outra desrespeitou as regras de distanciamento. O professor Dida reflete sobre o paralelo dessa nova realidade com a vida dos socioeducandos:

Apesar de termos condições infinitamente melhores de cumprirmos nossos isolamentos, sentimos que não poderemos fazer aquilo que gostaríamos por conta de uma imposição gera uma certa revolta e propicia até que em algum momento nos insurjamos contra isso e quebrems regras. Assim deve acontecer com estes meninos, também. (Dida Nunes)

O tempo de pandemia revelou diversas possibilidades para reflexões. Narrativas que, em primeiro momento, não pareciam encaixar no desenho dessa escrita. Porém, senti a necessidade de registrar esse cenário, que foi transformador para mim e para todas as pessoas que convivi. Acho necessário, como nas narrativas cinematográficas, apresentar ao leitor não apenas seus personagens, mas em que espaço as sequências narrativas irão se desenrolar. Na entrevista com Ana Soutto, encontrei na palavra *celebrar* um substantivo perfeito para definir o que espero para quando esse tempo passar:

Quando isso tudo passar muita celebração por ter sobrevivido. Como eu vejo essa celebração? Numa atualização com meus desejos, falando backaniamamente. Meus desejos mais profundos. Em primeiro lugar, o campo dos afetos. Celebrar meus afetos, filhos, mãe, amigos, quiçá amores que virão. A celebração dos afetos eu considero central e não separo a celebração dos afetos dos fazeres. Já tem muito tempo na minha vida que procuro juntar o que eu penso, o que eu sinto e o que eu faço. (Ana Soutto Mayor)

Além dessa dinâmica de *Diário de Quarentena*, também nos foi urgente entender os efeitos das práticas em audiovisual na escola Humberto de Campos. De que forma elas produziram sentidos não só nos estudantes, mas também em seus professores.



Na obra “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire destaca em reflexões críticas - que vão de discussões teóricas filosóficas e sociológicas a experiências empíricas e sugestões humanizadas - saberes que considera importantes para todo professor. Freire defende que a educação é uma forma de interferir no mundo, na ideologia dominante e nas suas diversas injustiças:

Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas. (FREIRE, 1998, p.39)

Paulo Freire provoca o professor a se posicionar contra as transgressões éticas do mundo, que segundo ele impedem mudanças e a melhoria de vida das minorias. Se vivemos em um país com uma das maiores desigualdades sociais no mundo, essas injustiças aparecem na vida da maioria dos jovens que entram para o crime, que muitas vezes não possuem expectativa de vivenciar uma transformação social.

Penso que o desenvolvimento de projetos na escola colabore para o crescimento/desenvolvimento pessoal e intelectual dos nossos alunos diante das diversas situações atribuladas que já enfrentam, bem como proporcione um melhor desempenho nas atividades associadas, além das relações interpessoais no decorrer e após o período de integração e execução do projeto em questão encaminhando para o desenvolvimento pessoal do aluno. (professora Valesca Trindade)

São questões perseguidas por professores em atividade na socioeducação - associar o conhecimento das disciplinas a uma maior reflexão do mundo e de si mesmos - um empoderamento defendido por Freire na proposição de uma educação progressista, ética, crítica e reflexiva. Outro anseio é que essas práticas sejam relevantes para os educandos:

As significâncias são intensas e imensas e o melhor de tudo permanentes, atingindo os dois alvos (profes e alunos). Tenho certeza que os alunos (e eu) são largamente atingidos e levam estes aprendizados para toda sua vida. (professora Dalzija Gavioli)

Freire (1998) reforça uma posição igualitária do professor frente ao estudante, ao propôr que o aluno seja respeitado, que sua voz tenha relevância e que seja querido pelo educador. A professora Lidiane encontra nesse aspecto um dos principais efeitos dos projetos na escola Humberto de Campos:

O projeto na escola tem um papel fundamental. Na formação docente acho que é no sentido de afetar-se pelo outro, de confiar nesse outro (os alunos) e desmistificar um pouco aquela velha ideia de que aprendizagem importante é aquela dos conteúdos programados, de que não se pode fugir dessa programação e que só dentro dessa sistemática ocorre aprendizagem. Há muitas aprendizagens que não cabem dentro das folhas de um caderno, e podem – e para mim na maioria das vezes o são - muito mais potentes e interessantes do que o que se aprender dentro de uma sala de aula. E muitas das vezes essas aprendizagens que estão “fora” do conteúdo programado não são levadas em conta na hora da avaliação, o que é uma pena, pois as experiências dos alunos vão muito além do que ocorre numa folha de papel A4. (professora Lidiane Braz)

Encontramos em diversos estudos a ideia de um constante aprender e como isso é fundamental para a profissão docente. Freire (1998) defende a noção de inacabamento como um saber importante para o professor, uma vez que o dispõe não só a reaprender, como a entender e aceitar a diversidade de saberes e

identidades. Adriana Fresquet (2007) reforça essa ideia ao falar sobre desaprendizagens, ou seja, momentos de desaprender e aprender novamente. Formações com professores devem ser espaços de reconstrução, transformação:

Os projetos significam na nossa vida escolar um momento de reflexão e de reconstrução do nosso jeito de ser professor.
(professora Cláudia Rosane Silva)

Freire (1998, p.19) também reforça a indissociação do ensino e do aprendizado:

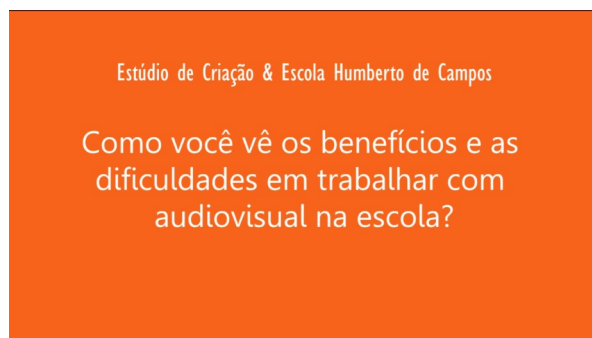
O saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. De separar prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender. Nenhum destes termos pode ser mecanicistamente separado, um do outro.

Dessa forma, mesmo analisando os efeitos de espaços formativos na escola, entendemos que os resultados encontrados não são os mesmos que se revelariam caso os professores fossem também participantes ativos dos processos de criação artística.

Na formação de professores essa contribuição poderia ser muito maior. Entendo que devido ao espaço físico da escola e as normas de organização da instituição CASE, limitamos nosso contato e participação com o grupo (vocês e os alunos) e acredito que todos os professores deveriam participar de todo esse processo para que essa contribuição fosse efetiva. (professora Rosane Maria Gavioli Grassi)

Esta escrita passou por um processo de apropriação, mesmo processo que sinto nos estudantes durante a evolução das atividades criativas. Quanto mais os jovens percebem a força da sua criação, mais se sentem empoderados e se preocupam com sua realização. Essa noção de se colocar como ser capaz de criar que não conseguimos propor aos professores da escola Humberto de Campos, e

aparece como fragilidade da pesquisa. Caso fosse possível executar espaços de criação com os docentes, teríamos resultados outros e possivelmente mais complexos. As significações são diferentes para quem produz a obra de quem a contempla.



O cinema leva pra muitos outros lugares. É uma arte que te leva pra lugares desconhecidos, conhecidos, te leva para sensibilizar sobre algumas coisas que num primeiro momento você não tinha pensado. Para mim, o cinema é uma das artes mais completas, porque ela traduz uma história, organiza uma narrativa, e movimenta com a música, com o corpo, com a expressão dramática. (Valeska Fortes de Oliveira)

Valeska Fortes de Oliveira, em entrevista para a pesquisa, relata o poder do exercício de empatia e invenção proporcionado pelo cinema, que é se colocar no lugar do outro existente ou inventado, se transportar para outros lugares reais ou imaginados. Esse evento instituinte é fundamental em um sistema socioeducativo que muitas vezes encontra jovens sem qualquer perspectiva que não seja a imposta por uma realidade que já lhes impõe bruscamente formas ilegais como caminho para crescer na sociedade. Se antigamente as mensagens de esperança e superação eram transmitidas pelas composições literárias como fábulas e contos, hoje é através do cinema que a juventude recebe essas mensagens. Muitos nem sabem que é possível outra história para suas vidas. Instigar espaços de imaginação é propor pensamentos que talvez nunca tenham habitado seu imaginário:

É um espaço onde eles podem se colocar “inteiros”, sem pré-julgamentos morais, que dizem como e o que devem dizer ou fazer, e isso no meu ponto de vista é muito importante para esses adolescentes, que são historicamente vistos - ou colocados num lugar de incapacidade, onde suas vivências e suas histórias são apagadas, por um suposto modo de vida melhor e mais eficiente que eles devem, nessa concepção, apreender nesse sistema socioeducativo. (...) um projeto como esse, da maneira como vem sendo conduzido até aqui, pode dar confiança, protagonismo e ser um “gatilho” para encorajá-los a buscar a sua emancipação, social e intelectual. O projeto mostra, pelas produções que foram desenvolvidas, que eles têm muito a dizer e que suas existências não são insignificantes e, portanto, não devem ser desconsideradas nem esquecidas, e sim problematizadas, para que eles possam perceber-se como sujeitos com potencialidades e que podem ocupar outros lugares sociais que por muito tempo foram-lhes negados. (professora Lidiane Braz)

O cinema se mostra como a linguagem da atualidade, principalmente pela força com que expõe as diversas artes para remexer ideias instituídas. Melhor que isso, como é possível dar voz às classes desfavorecidas e marginalizadas da sociedade através do audiovisual, da fotografia, da tecnologia móvel:

Sabemos que as tecnologias já estão incorporadas e a cada dia com mais novidades se incorporam no cotidiano das pessoas, e a escola, como centro de formação, não pode se distanciar desta forma de comunicação. Precisamos cada vez mais tornar nossas aulas ou prática pedagógicas mais criativas, mais atrativas, e o audiovisual conquista o aluno, melhorando e facilitando o processo de ensino e aprendizagem. (professora Rosane Maria Gavioli Grassi)

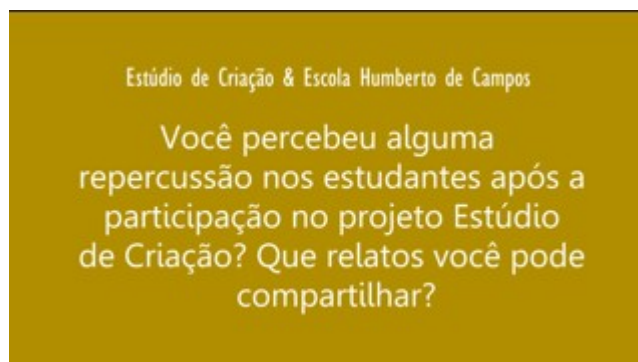
Uma das magias da criação com cinema é justamente a possibilidade do inesperado. Por isso, é importante o professor se abrir ao inconsequente, à quebra do método, a reversão dos papéis na sala de aula:

Por mais que um professor organize: vamos levar um filme pra escola, com intenção de provocar algumas coisas, muito além do que a gente quer provocar o filme vai. Ele transpõe a gente, derruba o planejamento. Daqui a pouco o grupo te leva para uma discussão que você nem estava imaginando. (Valeska Fortes de Oliveira, em entrevista)

Valeska fala como o cinema remexe a estrutura didática de uma aula, e também ilustra a forma como o filme reposiciona as estruturas da sala de aula. No momento que iniciamos um filme, não é mais um professor passando conteúdo e o estudante copiando ou até discutindo. O filme apresenta uma história, personagens, um desafio e a resolução dele, seu desfecho. O tema é proposto, exibido e desafiado pela obra audiovisual, e professor e aluno se colocam na mesma posição de espectadores com suas próprias perspectivas e oportunidades de diálogo:

É uma ferramenta de extrema valia para o meio em que atuamos pois aproxima o professor do aluno e desperta a criatividade de forma positiva. (professor Dida Nunes)

Percebemos nos professores que as dificuldades em trabalhar com o audiovisual ainda estão na ideia de que é necessário um conhecimento técnico para que uma formação aconteça. Entre as intenções dessa escrita, umas delas é desmistificar que criação em cinema tenha que vir junto com disponibilidade técnica, seja de aparelhos ou habilidades, ou caso seja necessário um conhecimento específico, que é possível incentivar parcerias, já que o audiovisual se cria por muitas mãos. Outra dificuldade destacada foi especificamente pela Humberto de Campos receber jovens em privação de liberdade, o que dificulta a entrada e manuseio de equipamentos. Porém, percebemos uma receptividade grande a todas as dinâmicas e necessidades de abertura de espaços físicos e de discussão, e também sabemos que essas oportunidades acontecem em outras unidades socioeducativas do estado do Rio Grande do Sul. Não ficaria surpreso se já houver algum festival de cinema *interCASEs*.



Paulo Freire (1998, p.19) destaca a assunção do sujeito como parte fundamental para uma educação crítica que reconheça as identidades culturais dos educadores e dos educandos. Freire critica a ausência de espaços socializantes na escola, para além do ensino conteudista, refletir sobre o espaço em que vivemos, de que forma se dão as dinâmicas sociais e como podemos interferir em mudanças. Para ele, assumir a identidade do outro passa por assumirmos as nossa próprias:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros.

Percebo nas narrativas dos educadores da Humberto de Campos diversos momentos de grande empatia no contato com seus alunos, ou seja, se colocar na posição dos jovens em privação de liberdade. A dinâmica da escola permite um contato maior entre estudante e professor, e acredito que essa proximidade permita um maior exercício empático. Dessa forma, as práticas com cinema que chegaram aos estudantes refletiram também em seus mestres:

Esse projeto teve bastante repercussão entre eles, porque foi um momento de “celebridade”. Infelizmente o mundo em que vivemos é assim, as pessoas de sucesso são aquelas vistas como as mais importantes... Obviamente, eles também, pois a mídia nos captura absurdamente nessa lógica de que “TER significa mais do que SER”. Então, para eles esses momentos foram muito significativos, eles foram os protagonistas e participaram ativamente do projeto. Acredito que isso tenha contribuído muito para que eles tenham autoconfiança e autoestima em si mesmos. Foi uma experiência muito bacana, pois era visível o entusiasmo estampado no rosto de cada um deles, mesmo aqueles mais tímidos e que se sentiam muitas vezes incapazes, se autorizaram a participar das propostas, pois se percebem confiantes e estimulados a criarem algo seu. (professora Lidiane Braz)

Adriana Fresquet (2013, p. 19) fala das possibilidades do cinema como exercício da alteridade:

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto.

A partir de uma arte que permite o deslocamento para outros espaços e tempos, sentimos um poder de libertação dentro de ambientes encarcerados. Se nossos corpos se encontravam atrás das grades, nossas mentes transitavam longe, em outras histórias.

O fortalecimento da autoestima é importante em um ambiente de confinamento. Toda vez que realizamos a captação de imagem de alguns deles, rapidamente se dirigiam para tela para se ver, como uma forma de lembrar quem eram. Em alguns momentos sentimos um apagamento da identidade dos jovens, pois o sistema socioeducativo mostra características muito parecidas com o prisional, numa lógica constante de punições e recompensas. Camila Parigi, em sua

pesquisa dentro da instituição, percebeu essa difícil dualidade entre um sistema retrógrado de confinamento e uma escola progressista:

Os discursos dos professores revelaram a frágil relação entre a unidade e a instituição escolar, o que permitiu observar a insuficiência de um trabalho integrador entre unidade socioeducativa e instituição escolar, dado que um sistema faz parte do outro sem que haja, entre eles, nenhum compromisso ou inter-relação. (PARIGI, 2017, p. 149)

As próprias oficinas de criação só foram oferecidas para jovens com bom comportamento segundo as normas da instituição. Porém, essa pesquisa não existe para questionar o sistema socioeducativo nem propor outras realidades. É importante destacar que, em contraponto, todos os profissionais da instituição foram receptivos com nossas dinâmicas, abrindo espaços e participando com grande expectativa das gravações dos curtas. Havia momentos inclusive que, ansiosos, começavam a conversar no meio das gravações e eram repreendidos pelos jovens, uma inversão de posicionamentos que gerou muitos risos.

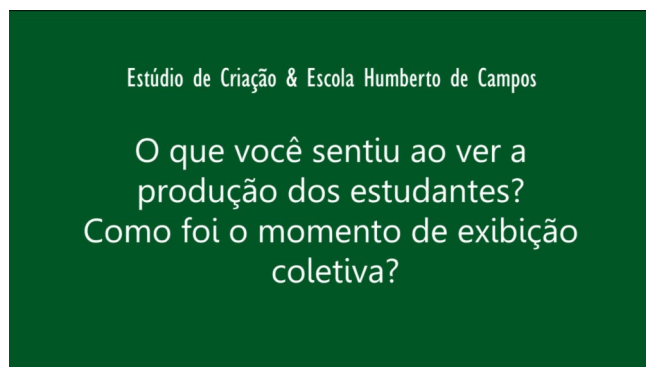
Percebi um orgulho muito grande por parte daqueles que participaram e também uma gratidão pela oportunidade dada a eles. Muitos puderam demonstrar e apresentar suas habilidades e isso contribuiu muito para sua autoestima. Não tenho um contato com alunos em sala de aula e meus encontros com eles são individualizados. Relataram suas alegrias em participarem do projeto, e muita ansiedade com a exibição do trabalho. (Dida Nunes)

Se em uma escola tradicional a autoestima escolar é afetada principalmente por notas, popularidade, atletismo, na socioeducação tive a sensação que os jovens mais empoderados são os que se sentem menos afetados pelo confinamento, aceitando sua condição e entendendo as oportunidades de levar as coisas boas que o sistema oferece. Um dos internos nos disse que só queria sair dali depois de concluir o ensino médio. É uma relação diferente, que envolve um respeito maior à

opinião e forma de expressão do colega do que sentimos em escolas *normais*. Levar o cinema para esses espaços de maior abertura de subjetividades se mostrou ótimo, no sentido dos saberes que o cinema liberta:

Há outras formas de inteligência, de iniciativas, de modos de expressão de si que podem se revelar na passagem à realização – que tem como mérito ampliar o campo desses novos possíveis para cada aluno envolvido. Dentro de um coletivo de cartas marcadas, ele se refere àqueles alunos menos “eleitos” pela turma, que só podem trabalhar com a escrita e a língua falada, e poderão ser eleitos pelo não dito ou o inefável, sobretudo, porque só através arte se pode dizer de outra maneira. Quando acompanhado de um adulto que respeita a emoção da criança, o ato aparentemente minúsculo de rodar um plano envolve não só a maravilhosa humildade que foi a dos irmãos Lumière, mas também a sacralidade que uma criança ou adolescente empresta a uma “primeira vez” levada a sério, tomada como uma experiência inaugural decisiva (BERGALA, 2007, p. 210).

Alain Bergala, crítico e produtor de cinema, fala dessa capacidade espetacular da sétima arte em despertar as diferentes formas de expressão. É nítido ver a realização dos professores com as obras dos estudantes, principalmente quando vêem envolvidos jovens que não se abrem muito de modos tradicionais, seja através da participação em aula ou da escrita. Durante essas reflexões, percebemos como é importante incentivar a participação dos professores junto aos estudantes nas etapas de criação artística, pois, num pensamento Freireano, só é possível reconhecer esses efeitos no outro vivenciando a eles nós mesmos. Daí a importância de, futuramente, levar espaços de produção artística para dentro dos tempos de formação dos professores.



Quando um processo formativo chega ao fim? Para nós, o complemento de uma jornada se dá no momento do lançamento da obra para o mundo. É o momento da experiência estética, de apreciar um produto criado e apropriado a partir de trabalho coletivo. Na socioeducação essa etapa é um pouco retráida, porque não podemos mostrar nossas produções para fora da comunidade do CASE. Mesmo assim, os momentos de exibição interna são de extrema satisfação para pequena comunidade socioeducativa. Fica um sentimento de que houve um contágio nos adolescentes, seja na transformação na sua forma de expressão, na sua autoestima, ou principalmente na sua visão a respeito dos caminhos que a vida lhes oferece.

Quando assisti pela 1ª vez, chorei muito!! Foi na biblioteca da nossa escola, onde estávamos todos juntos, professores e alunos... foi muito emocionante ver o envolvimento e o desempenho dos nossos “pupilos” e mais ainda ver a emoção e orgulho de serem tão bons atuantes, diante do desafio que lhes foi atribuído por vocês.
(professora Dalzija Gavioli)

O professor Dida analisa mais o processo que o produto, destacando uma posição importante no trabalho socioeducativo que é incentivar em si uma postura de confiança nos adolescentes:

Uma alegria muito grande, pois, ratifica aquilo que penso e tento repassar a eles: eles sempre que provocados podem responder de forma positiva. O que precisa é eles perceberem que acreditamos no potencial deles e estamos ali para incentivá-los e ajudá-los e nunca para julgá-los. (professor Dida Nunes)

Camila Parigi (2017, p.150) reforça iniciativas que deveriam ser práticas constante nas instituições socioeducativas, como medidas em favor de uma ressocialização:

Sabe-se que por longo período as políticas e as instituições para adolescentes e jovens infratores configuraram-se como privação de direitos e necessidades básicas humanas, e que, ainda, muitas marcas desse período estão presentes. Assim, não pode ser permitido que a privação de liberdade signifique privação de cultura, educação, lazer, convívio familiar e comunitário.

Percebemos como as obras audiovisuais sacudiram os espaços do CASE-SM, seja nas festas de final de ano, seja em dias de encontro com os familiares, ou até nos pequenos momentos durante as aulas que construímos interesse dos jovens em fazer parte das propostas de expressão. Em um sistema que é em parte prisional em parte educativo, notamos socioeducandos, profissionais do CASE e professores reunidos, compartilhando a experiência de assistir aos filmes, vendo os jovens daquele espaço como protagonistas de suas próprias histórias.

Estúdio de Criação & Escola Humberto de Campos

Para o prosseguimento do projeto, quais são as suas sugestões para que ele melhore?

A narrativa tradicional dos métodos de ensino termina sempre na avaliação. Também nos foi necessário receber as considerações dos professores a respeito do projeto de arte com a escola. A professora Lidiane, mesmo sendo a única a participar ativamente das oficinas, ou até por causa disso, destaca a importância dos docentes integrarem mais as atividades:

uma sugestão seria envolver os professores também nesse processo. Seria uma maneira talvez de aproximar os professores dos alunos, e também como um exercício docente na tentativa de sair um pouco do conteúdo programado para cada etapa de ensino e quem sabe assim, pensar os processos de aprendizagem de um outro lugar. (professora Lidiane Braz)

O professor Dida lembra um ponto importante, mas que também acaba sendo um significante de frustração para quem trabalha com audiovisual em socioeducação, já que nossas obras não podem ser relevadas para um público externo:

uma divulgação maior do trabalho de vocês para que recebam mais apoio de quem não conhece pois quem já teve acesso ao resultado do que fazem certamente muito pouco terá a sugerir. (Dida Nunes)

Uma vez saímos no jornalzinho da cidade, com a manchete “A missão deles é transformar vidas”. Achei um título precipitado, já que de forma alguma tivemos pretensão de mudar a vida de alguém. O que fazemos é, no máximo, mostrar outros caminhos. Cabe ao sujeito, como em qualquer processo formativo, escolher por onde deseja seguir. Esse jovens sempre andaram por caminhos pedregosos, sombrios e sem muita vista de uma luz. Se de alguma forma as atividades criaram além de um videoclipe, uma vista para o horizonte dentro deles, já foi suficientemente recompensador.

Pensar os processos de aprendizagem de um outro lugar movimenta nosso pensamento para buscar outras pedagogias que valorizem uma linguagem artística e que alimentem nossa imaginação criadora. O cinema e a produção audiovisual acionam com a produção coletiva, com o desenvolvimento do trabalho grupal, com a questão da pesquisa, com a escrita, com a produção de uma narrativa autoral, com a composição musical, como foi o trabalho realizado na Escola Humberto Campos, que contou com a participação de pessoas da música, da comunicação, da pedagogia, da filosofia e do cinema. Uma arte que engrandece com o trabalho

transdisciplinar e integra os docentes num projeto comum. Mas para além de pensarmos numa pedagogia da imagem, acolhemos a ideia de uma pedagogia de projetos, uma pedagogia da criação.



A sala azul foi nosso estúdio musical, onde os jovens gravaram versões de sua composição.

7. TODA HISTÓRIA TEM UM INÍCIO, UM MEIO E UM FIM - AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. (FREIRE, 1998, p.18)

É muito difícil entrar em um local como o CASE sem preconceitos e expectativas. Meu crescimento como professor durante as oficinas da escola foi grande, porém minha formação como sujeito social superou qualquer experiência que já havia vivenciado. Desaprendi muitas questões sobre inteligências e saberes. Descobri que estudantes que não sabem ler tão bem, podem mesmo assim ser tão ou mais criativos que outros alfabetizados. Compartilhei experiências de vida e vi como essas realidades contam muito como disparadores de criação de histórias. Descobrimos jovens que ali são iguais a qualquer um, colaborativos, interessados, com fragilidades e preferências, somente com outros repertórios. Cabe ao professor beber desses repertórios e propor através deles. Como eles próprios dizem em seu ensaio reproduzido anteriormente, durante os espaços do Estúdio de Criação sentíamos que eles se libertaram, dançaram em outros lugares.



Se as formações com professores não puderam acontecer como queríamos durante a realização desta pesquisa, desejo que a escrita sirva como motivadora para que mais docentes possam iniciar espaços de criação e abertura à arte em seus locais de ensino. Apesar de que pareça difícil propor atividades fora da rotina do currículo, e principalmente com cinema, espero ter mostrado que contar com apoios, dividir tarefas e explorar a transdisciplinaridade são caminhos possíveis para o surgimento de ideias instituintes no ambiente de ensino.

De certo modo, consegui viajar no tempo e transgredir o período de realização da pesquisa de mestrado, uma vez que busquei práticas realizadas em quatro anos para análises atuais, com a motivação de trazer diferentes vozes que vivenciaram ou produziram espaços de arte na escola para refletir sobre um percurso muito mais empírico do que teórico. Foi um tempo de parar, repensar e me refazer como professor.

Durante a trajetória da escrita, busquei os principais autores dos temas de cinema na escola, mas também apresentei as vozes de professores envolvidos nos espaços escolares, já que acredito que cada espaço tem suas peculiaridades, e é justamente nessas singularidades que a arte atua, pois ela mexe com o nosso interior e com o que temos de urgente no momento da criação.

O cinema na escola revira as estruturas, causa estranhamento, expõe sentimentos, aproxima o aluno do professor, principalmente aquele que resiste em ser mais distante. A sétima arte mostra que é possível aprender sem o método rígido definido pelas classes enfileiradas e pelo quadro negro. Outras artes também o fazem, mas, acredito eu, não com a mesma potência.

Vivenciamos diversos momentos em que, ao ingressar na sala de aula, vários estudantes vinham com ideias novas antes mesmo do início das atividades. Esse movimentos mostram que as experiências na escola seguiram ressoando nos alunos durante toda semana, até o novo encontro. Acredito que uma das maiores alegrias

do formador é quando o encontro não termina ali, no final da tarde, mas segue durante uma semana, um mês, uma trajetória inteira. Segundo Freire (1998), não é necessário grandes esforços para transformar uma percepção. Às vezes, pequenos atos do professor podem remexer e ser lembrados por toda uma vida. E a escola é um espaço formidável para que movimentos instituintes aconteçam.

Encontramos nos professores, tanto do Olavo Bilac como da Humberto de Campos, uma grande abertura a ideia dos projetos nas escolas, e também um entendimento grande de como a arte contribui para a formação dos sujeitos. Também percebemos, nas duas escolas, mesmo públicas, espaços excelentes para desenvolver atividades audiovisuais. Constatamos, nas conversas com os professores, que o cinema remexeu estruturas individuais dos sujeitos, aproximando professores de estudantes e a família da escola, tornando turmas mais unidas e comprometidas, revelando artistas e expondo o espaço escolar para sociedade que a envolve. Notamos, nas exposições, interesse enorme da comunidade escolar, seja através das famílias do Bilac, seja através dos profissionais e familiares da Humberto de Campos. Foram momentos mágicos de reunião de diferentes pessoas que fazem o ambiente de ensino, no propósito comum de descobrir o resultado de todo furdunço audiovisual.

Notamos que as dificuldade relatadas pelos professores com o cinema se concentram em não conhecer questões técnicas de equipamentos. Reforça ainda mais nossa ideia de promover o cinema como arte, não como meio técnico. Nos deu ideia que, no futuro, realizemos formações em cinema com os professores sem qualquer equipamento de difícil conhecimento, ou até mesmo utilizando a tecnologia móvel, já bastante familiar na nossa sociedade.

Falhamos em escolher realizar as atividades na Humberto de Campos durante as férias escolares. Para os adolescentes foi ótimo, pois era um período em que ficavam longe da escola. Mas para os professores se tornou um espaço vazio,

pois não tiveram oportunidade de participar das experiências artísticas. Já a metodologia não serviu como era esperado. Entrevistar professores virtualmente e com perguntas fechadas não trouxe resultados muito profundos, e também me fica a dúvida se responder às perguntas serviu como processo formativo para esses professores. Porém, foi a forma de tocar a pesquisa em um período de pandemia. O aprendizado me leva a pensar novas pesquisas e práticas para o futuro, muito mais subjetivas e que envolvam de forma plena o professor, da maneira que for possível, pois é essencial sua presença.

Se temos resultados ótimos no retorno do estudantes que participam das atividades, que até hoje me param na rua para agradecer e elogiar a forma como conduzimos as experiências, precisamos trazer os professores também para esses espaços, pois são eles que, afetados, irão exponenciar as vivências com seus próprios educandos, como Marie-Christine Josso (2004) considera quando fala sobre a aprendizagem acontecendo pela experiência. Cabe a nós iniciar uma rede de contágio, que, aos poucos, aí sim tem potencial de transformar realidades.

O cinema não pode entrar na escola para dar uma aula melhor. O cinema tem que entrar como criação e arte por ela mesma. Não pode entrar para ser salvação. A arte serve por si só, para imaginação, repertório, envolvimento criativo. Nedilã Chagas levanta questões sobre as perspectivas da escola para os próximos anos:

É um bom momento para a gente discutir qual é o papel da escola. Ou a gente fica sempre no conteúdo, na questão acadêmica, ou a gente vai um pouco além disso. Qual é o papel da escola? Formar o cidadão, preparar para algo a mais? Eu acho que para a escola dá uma nova perspectiva de “o que a escola tem que ser para essa nova geração?”(Nedilã Chagas, em “Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora.”)

Que personagem a escola deve tomar forma? Que gênero suas narrativas devem seguir? Um drama como o de agora, com toques de terror? Acredito que o

melhor caminho a seguir é o da fantasia. Unir uma narrativa contínua com acontecimentos inesperados e personagens imaginários que, através de suas mensagens, nos levam a momentos de repensar espaços e propor uma educação instituinte:

O cinema na escola é bastante aceitável quando ele chega na forma de exibição de filmes e debates em torno de conteúdos presentes nos filmes, mas e se levarmos a sério a possibilidade do cinema pensar o mundo e conseqüentemente a escola? Que implicações e invenções nos trazem essa ousadia? (MIGLIORIN, 2015, p.10)

Paulo Freire (1998, p.43) reforça a importância do espírito crítico do professor, sem que lhe seja atribuído o peso de salvador dos problemas do mundo:

Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. O que quero dizer é que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queira, nem tampouco é a perpetuação do "status quo" porque o dominante o decreta. O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar.

Penso na possibilidade de encontrar em professores que já atuam com espaços de criação, de que forma suas práticas docentes refletem suas experiências formativas, como esses saberes e vivências poderiam construir uma pedagogia da criação, formas de pensar a escola em maior conjunção com a arte muito mais que uma disciplina conteudista, mas caminho para descoberta, inspiração, expressão e empoderamento de si e do espaço escolar.

No final, me fica um pensamento que me provoca já faz um tempo e surgiu nas trocas dos encontros no GEPEIS. Não basta pensar em o que estamos pesquisando ou para quê, mas também, para quem a academia serve. Em nossa linha de pesquisa, em uma universidade pública, creio ser urgente sempre entender ao iniciar nossas propostas de análise, que estamos com professores e para eles, e

procurar ao máximo aproximar a escrita da realidade das docências, para que nossos resultados não sirvam apenas para agradar as vaidades de eventos e publicações científicas, mas também tocar o coração de quem está na frente da sala de aula todo dia.

*“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem”.*
Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, J.P.W.; GONCALVES, R.S.; TOWNSEND, T.D. **Baralho de Personagens: uma metodologia para criação de narrativas**. In: COLVERO, R. et al (Org.). Fontes, Métodos e Abordagens nas Ciências Humanas: paradigmas e perspectivas contemporâneas. Pelotas: BasiBooks, 2019. p. 429-438.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BERGALA, A. **La hipótesis del cine: Pequeño tratado sobre La transmisión del cine en La escuela y fuera de Ella**. Barcelona: Cahiers Du Cinéma, 2007.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de REYNAUD, Guy. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FERRY, Gilles. **Pedagogia de la formación**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**. Editora Objetiva, 2001.

FISCHER, R. M. B. **Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética**. Revista Brasileira de Educação. nº. 40, jan./abr. 2009.

FREIRE. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia da Tolerância**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRESQUET, Adriana. **Cinema para Aprender e Desaprender**. In: FRESQUET, Adriana. (org.) **Imagens do Desaprender. Uma experiência de aprender com o cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2007.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HENZ, Celso Ilgo. **Identidade, autonomia e cidadania: professores lendo o mundo e a palavra.** In: SILVEIRA, Fabine Tejada da; GHIGGI, Gomercindo; PITANO, Sandro de Castro (org.). *Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo.* Pelotas: Seiva Publicações, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e Formação.** São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

_____. *Experiências de vida e formação.* 2.ed. ver. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KEMMIS, Stephen; McTAGGART, Robin. **Cómo planificar la investigación-acción.** Barcelona: Laertes, 1988.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: , 1994.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios Culturais: da comunicação à educomunicação.** In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understanding media). São Paulo: Cultrix, 2005, 18ª ed.

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e escola sob o risco da democracia. Dossiê: Cinema e educação: uma relação sob a hipótese de alteridade. **Revista Contemporânea de Educação.** Faculdade de Educação/UFRJ., v 5, n. 9, janeiro/julho 2010

_____. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá.** Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

MORIN; Edgar. **O cinema ou o homem imaginário.** Brasil: É Realizações Editora, 2014.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 180-188, maio/ago. 2011.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROSA PARIGI, Camila. **Auto(trans)formação permanente com professores (as) em contexto socioeducativo: educar(se) entre a coercitividade e a liberdade**. Camila da Rosa Parigi, 2017.

SACCOL, Lillian. **A produção audiovisual no ensino fundamental: uma aposta na autoria e coautoria dos estudantes**. Lillian Roberta Sacool, 2018.

SILVA, M. C. M. **A reinvenção do(s) cinema(s) na formação do espectador contemporâneo: pedagogia godardiana**. In: COUTINHO, M.A.; MAYOR, A.L.S. Godard e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 139-156.

SHOLL, Léa. **Desejos sociais “versus” práticas educacionais: uma tensão no imaginário social**. In: TEVES, Nilda (org.) Imaginário social e educação. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

TEIXEIRA, I.A.C. **Deslocando a câmera, imaginando cenas, criando roteiros: o cinema na formação de professores**. In: FREITAS, M.T. de A. (org.) Escola, tecnologias digitais e cinema, Juiz de Fora, UFJF, 2011.

9. CATÁLOGO DE CRIAÇÕES

Almanaque Literário - Ano I - Microcontos de terror

“Who are you? Um dia eu acordei sem as minhas memórias. Quando as recuperei, descobri que eu não era quem eu pensava.”

“Eu estava deitada em minha cama quando ouvi alguém me chamar. O estranho é que meus pais estavam viajando. E eu estava sozinha em casa.”

“Um menino estava no quarto, deitado na cama. Ele ouve barulho da porta do banheiro fechando. Então ele vai conferir e ouviu sua mãe. Mas logo ela chega pela porta da frente, depois do trabalho.”

“Eu estava sozinho em casa e, de repente, escuto me chamarem. Perguntem se tinha alguém ai. Me responderam: “não...””

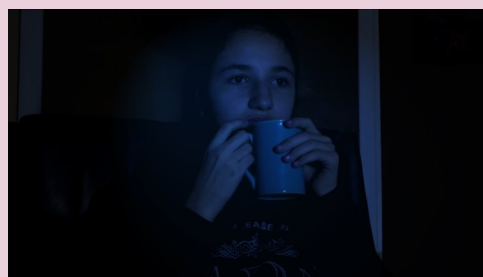
“Em um dia chuvoso e feito, eu estava em minha casa assistindo filmes, e do nada as luzes começaram a piscar e as portas a baterem, dar barulho do vento. A TV ficou com aquelas listras, dando barulhos. Perguntei: “Quem está aí?” e saiu um som da TV “Essa casa é minha, saia daqui!””

“Estávamos vendo um filme de terror sozinhos. Saí para ir ao banheiro. Quando voltei não tinha mais ninguém. Só a TV com a tela preta e uma marca de mão na TV.”

“Estava lendo um livro. Fui pegar um copo de água e escuto alguém ligando e desligando a luz de fora. Abro a porta e, puf!, alguém me colocou num lugar escuro.”



“A Casa Mal Assombrada” (Estúdio de Criação - 2016)



“O Dia Assustador” (Estúdio de Criação - 2016)

“Ana estava sozinha em casa, quando de repente ouviu uma voz. Ela perguntou quem era. E responderam: “É ninguém...””

“Numa noite, a mãe saiu para viajar e deixou a filha em casa, dormindo com seu cachorrinho. No meio da noite ela acorda com barulhos de pingos, ela coloca a mão embaixo da cama e o cachorro a lambe, e ela volta a dormir. Isso acontece várias vezes, até que ela vai ao banheiro e quando chega lá, se apavora com seu cachorro enforcado e no vidro escrito “Husnas também sabem lamber”.”

“Era tarde, o relógio marcava 3:03 da manhã. Sentia algo me tocar, me revirava para os lados e puxava o edredom até a cabeça para ver se isso parava, talvez fosse alguém de minha casa tentando me assustar. De repente, me lembro que eu moro sozinha.”

“Você deita para dormir, mas não consegue pegar no sono. Quando pega no sono, está dormindo em um sono tranquilo e do nada, puf!, você cai em um buraco. Você dá um pulo da cama, o coração acelera, olha para os lados e vê que é apenas um sonho.”

“E então eu acordei. Não sabia exatamente o que estava acontecendo. Só consegui ouvir meus amigos chorando, e quando abri os olhos, me deparei com terra molhada, mal conseguia respirar.”

“Um homem conheceu uma mulher e apaixonou-se por ela. Eles ficaram juntos por um tempo, mas um dia descobre que ela tem câncer e logo se separa dela. Mas ele não consegue viver sem ela. Quando voltou para ela já era tarde: ela morre ele fica com a culpa.”

“Era uma vez um menino triste. Ele não tem família e vivia com sua avó. Um dia, passeando, achou dois cachorrinhos tristes e viveram felizes para sempre.”

“Uma mãe estava colocando sua filha para dormir. Então sua filha pediu um copo de água e a mãe foi buscar. Quando ela voltou encontrou a filha dormindo, então fechou a porta e quando se virou sua filha estava atrás dela.”

“Minha mulher me acordou noite passada para dizer que tinha um invasor em nossa casa. Ela foi assassinada por um invasor há dois anos.”

“Eu costumo sonhar com arranhões por causa de meus animais. Numa noite sonhei com arranhões, mas percebi que era de verdade. Mas meus animais estavam lá fora.”

“Um certo dia ouvi meus pais me chamando. Quando eu olhei no meu relógio eram 3 horas da manhã. Meus pais morreram há 1 ano.”

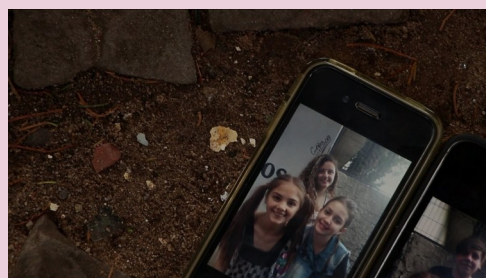
“Elisa, uma enfermeira, estava na rua. Quando olhou para trás, saiu uma moto e bateu em um ônibus. O piloto da moto estava sofrendo uma parada cardíaca. Elisa rapidamente pensa em um plano, que era fazer massagem cardíaca. O plano deu certo e o piloto sobreviveu.”

“Eu moro sozinha. Meu armário fazia sons estranhos e eu achava normal. Até um dia ele aparecer aberto com uma frase escrita com sangue: “Vamos brincar?””

“O pai do menino foi sair com ele e quando eles chegaram no local, o pai falou pra ele: “fique no carro”. Quando o homem chegou de volta ao carro o menino



“A Hora de Dormir” (Estúdio de Criação - 2016)



“O Perigo Está ao Lado” (Estúdio de Criação - 2016)

tinha desaparecido. O homem ficou preocupado e começou a chorar. De uma hora para a outra o menino apareceu, mas era só o espírito dele.”

“Estava no jardim quando ouvi minha irmã me chamar. Subi correndo. Quando cheguei lá, ela estava morta com um bilhete escrito: “Você é o próximo”.”

“Eu estava lá no meu quarto assistindo TV. De repente ouvi um barulho vindo do armário, fui ver e era minha boneca. Peguei ela e me olhei: quando fui ver eu era a boneca e fiquei trancada no armário.”

“Um dia eu desafiei meu amigo a entrar num hospital abandonado. Hoje faz 5 anos que dá para ouvir os gritos dele.”

“Meu amigo me perguntou por que meu irmão sempre me acompanhava. Eu disse que meu irmão morreu há 10 anos.”

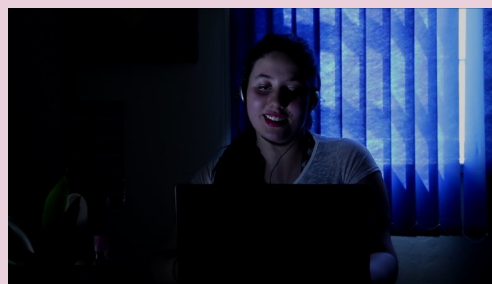
“Eu estava sozinha em casa jogando video-game na sala. Ouvi uma voz familiar gritando, vinha da cozinha. Quando cheguei lá vi meu corpo atirado no chão sangrando.”

“Eu estava no meu quarto quando ouvi minha mãe pedindo água. Fui na cozinha buscar e encontrei um bilhete dizendo: “saí hoje à noite e volto só amanhã.
Ass: mãe”.”

“Dois amigos conversam pela webcam. Até que um deles diz: “bem atrás de você”. Então ele se vira e não há nada de volta para a tela do computador e percebe seu amigo rindo e tem alguém atrás dele.”



“Desafio Mortal” (Estúdio de Criação - 2016)



“A Última Chamada” (Estúdio de Criação - 2016)

“Ontem fui visitar meu amigo. Nós nos divertimos muito, mas quando anoiteceu, tive que ir embora.

Recém tinha me despedido e minha mãe me encontrou e perguntou porque eu estava vindo sozinho do cemitério.”

“Eu estava caminhando pela rua e as pessoas pareciam estar me olhando fixamente. Mas era para seus reflexos que estavam olhando.”

Almanaque Literário - Ano II - Baralho de Personagens

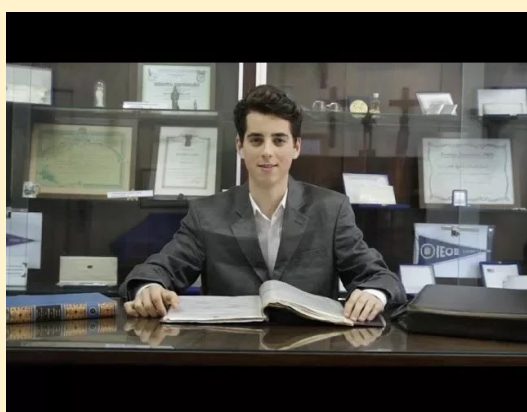


Ashley Smith: Ashley Smith trabalha na delegacia como policial durante o dia e como serial Killer durante a noite. Ela mora sozinha em uma casa a qual também é seu “escritório” para a pesquisa por novas vítimas. Por não acreditar na justiça do país acaba fazendo justiça com as próprias mãos, assassinando assassinos que a polícia não consegue capturar. Por ser muito inconsequente em seus atos acaba se dando mal em algum momento da vida, pois também é uma criminosa. Ela leva uma vida normal, sem que ninguém ao seu redor desconfie de sua dupla personalidade, inclusive seus colegas de trabalho.

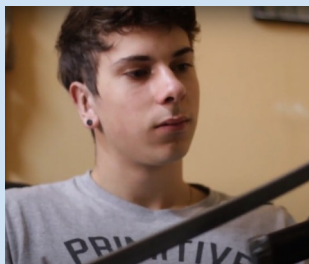
Sou Barbosa, uma pipa feliz: Sou uma pipa, mas não sou qualquer uma, sou colorido, grande e muito forte. Faço voos diários pela manhã e final de tarde com o meu dono Lucas, de 7 anos de idade. Estou com dois anos de idade já, sempre muito forte, belo e voando cada vez mais alto. Minhas cores são azul, verde, amarelo e vermelho; o azul representa meu amor pelo céu azul e também minha tranquilidade, o verde representa meu amor pelas florestas, o amarelo meu amor pelo sol e por fim o vermelho representa minha intensa paixão por voar e buscar cada vez voos espetaculares junto ao meu dono. Minha linha de nylon é extensa e nunca machucou ninguém, pois odeio violência, sempre busco o céu, os ventos e a paz. Não gosto de quando tentam me roubar do Lucas, não sei o que faria nem como seria longe do meu dono.



Gonçalo Alencar de Strovisk: Gonçalo Alencar de Strovisk, nascido na Índia, veio para o Brasil quando tinha 5 anos por engano (quando entrou num navio por curiosidade, não se tocou que o navio estava partindo), ao chegar no Brasil uma família (pobre) encontra ele em um beco. 15 anos se passam e ele acaba se tornando um cigano do mais alto escalão com aquele toque do “jeitinho brasileiro”, sem ter mais seus pais adotivos e nem saber por onde andam os seus pais de sangue, ele vive dando duro na vida, anda pelas ruas querendo ler as mãos dos outros, tenta vender seu livro de simpatias, sempre metido em confusão por não saber ler mãos e seu livro ser um furada, Gonçalo tenta a vida como pode.

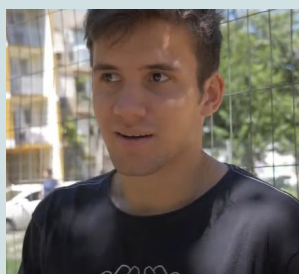


Daniel: Jovem, brasileiro, negro, ativista de movimentos pela democracia, estudante, seguidor de religião afro-brasileira. É da periferia, infelizmente discriminado por uma sociedade construída por preconceitos raciais, morais e religiosos.



Pablo: é um homem Fascista, conflituoso e agressivo que idolatra o Fascismo. Um exímio caçador e bastante observador, Pablo é infalível com sua besta (aquela arma que é um misto de espingarda com arco e flecha), o que se revela muito útil na caça aos animais que gosta de matar. Alto (2,15), Loiro, Forte, com alguns problemas mentais e déficit de atenção.

Antônio Siqueira: jornalista de esquerda, 56 anos, branco, de estatura média e com o tempo se tornou dono de uma grande quantidade de gordura abdominal. Possui o cabelo curto e grisalho, mas o mantém pintado com tinta castanho-escura. Usa óculos, gosta de usar camisas de botão e meias divertidas e coloridas. Quando jovem era muito auto-confiante, inteligente, com o tempo se tornou menos tolerante com as pessoas fúteis. Muito teimoso em relação ao que acreditava, o que era seu maior defeito. Maniático: lia o jornal todo o dia no mesmo horário, junto à sua xícara de café, precisava ser passado com coador de pano e passeava com seu gato, Mário, na frente de sua casa após o seu ritual diário.



Caco: Caco, vulgo Carlos, 27 anos de muita história, cabelo trançado e raspado dos lados, alto, magro e um tom de pele café com leite. Era muito respeitado na comunidade em que vivia. Caco era muito inteligente, criativo e gostava de inventar bugigangas, principalmente bombas. Mas o assassinato de sua mãe o mudou por completo e após

conseguir sua vingança, se tornou um assaltante de banco sangue frio.



Lucas: Características físicas: moreno, cabelo raspado, alto, usa um alargador em uma orelha e argola em outra. Descendente de índio e bugre, possui uma cicatriz na sobrancelha e diferentes tatuagens pelo seu corpo, mas a mais especial é uma poesia em seu braço. É um camelô de esquina que vende pias para se sustentar. Gosta de escrever poesias e contá-las em movimentos de RAP, revoltado com seu povo indígena ser deixado de lado pela sociedade e governo, assim seu povo sofre com a pobreza.

Procurou uma vida de crimes e se reuniu com um grupo para assaltar bancos e trazer riqueza para seu povo.

Francisco: Homem, tamanho médio, magro, loiro, usa óculos, é professor de uma escola, mora em cidade pequena. Sofria preconceito na adolescência, homossexual, gosta da cor laranja, possui um carro velho, mora sozinho. O pai dele morreu, vai morar com a mãe. É apaixonado por um homem casado, os dois começam a ter um romance, o outro homem se separa e os dois ficam juntos.



Almanaque Literário - Ano II - Brainstorm de Argumentos

Turma 01 - Ashley, Gonçalo e Barbosa, a pipa

“Gonçalo é um rei do crime. Se aproxima de Lucas e vê a pipa. Gonçalo fica amigo da criança e, sem que ela perceba, usa a pipa para o tráfico. Ashley é mãe de Lucas. Ela investiga os crimes de Gonçalo.”

“Na praça, Gonçalo conhece Ashley. Ele vê a policial apressada fora do horário de serviço, tarde da noite. Gonçalo segue Ashley e vê ela matando uma pessoa.”

“Gonçalo lê a mão de Ashley e descobre que ela tem uma vida dupla.”

“A pipa é a chave para uma sala com as evidências dos crimes de Ashley.”

“Lucas está sempre com sua pipa, Barbosa. Em um tiroteio envolvendo a gangue de Gonçalo, Lucas morre. Ashley, sua mãe, busca vingança? A pipa aparece em todos os eventos.”

“Barbosa é uma pipa colorida e feliz. Após a morte de Lucas, Barbosa perde as cores e se torna deprimida.”

“Gonçalo é amigo de Lucas. Um dia, o presenteia com uma pipa, Barbosa, com a intenção de usá-los para trocar informações do tráfico.”

“Gonçalo é querido na comunidade. Ashley levanta a hipótese dos crimes de Gonçalo e é desacreditada pelos colegas policiais.”

“Gonçalo dá vida à pipa com seu livro de simpatias.”

Turma 02 - Daniel, Pablo e Siqueira

“Daniel se candidata, Antonio o apoia e Pablo quer matar os dois”

“Pablo mata o gato. Antonio elabora vingança . Daniel é testemunha.”

“Antonio vê Pablo matando o gato. Ele publica a história no jornal e Daniel mobiliza a sociedade”

“Gato ninja falante. Tenta salvar o mundo. Siqueira põe no jornal”

“Daniel é Deus. Pablo é satanás. O gato é Jesus. Siqueira media o conflito.”

“Siqueira se apaixona pela vizinha. Os dois tem gatos. Os gatos se encontram na casa do Pablo. Os gatos estavam miando e Pablo mata os dois. Daniel é filho da vizinha.”

“Daniel se apaixona pela filha de Pablo. Pablo é contra e tenta matar Daniel. Antonio é amigo de Daniel e tenta ajudar na relação.”

“Pablo se apaixona pelo Daniel”

Turma 03 - Caco, Lucas e professor Francisco

“Caco e Lucas estão assaltando um banco. Francisco é feito de refém.”

“Caco e Lucas são uma gangue e matam o pai de Francisco com uma bomba.”

“Eles eram amigos na febem. No passado fugiram da febem com uma bomba de Caco.”

“Francisco era professor de Caco e Lucas na febem.”

“Lucas tira Caco da vida do crime. Eles começam a fazer rap com incentivo do professor Francisco.”

“Lucas tem uma namorada. Caco sente ciúme da relação porque é apaixonado pela namorada de Lucas desde a infância.”

“Lucas e Caco estão assaltando um banco. O pai de Francisco é feito refém e morre com uma bomba do assalto. Os dois vão pra febem e conhecem Francisco, seu professor. Francisco descobre que os alunos mataram seu pai, porém os incentiva a sair do crime e montar uma banda.”

“Lucas trabalha para uma gangue. Caco está devendo para outra gangue e aceita assaltar um banco com Lucas.”

“Caco sente medo durante o assalto. Ele vê Francisco, que foi seu professor na infância. Sem querer, dispara uma bomba e mata Francisco”

“Caco e Lucas são filiados do estado islâmico.”

“Caco é gremista, Lucas colorado. Eles trocam tiros em grenais. O professor Francisco é pai dos dois.”

“Francisco é refém em um assalto a banco. Seu namorado, policial, invade o banco e atira em um dos assaltantes. Ele morre, cai no chão, e Francisco vê a tatuagem que fez em aula, reconhecendo seu aluno Lucas.”

Criação Musical - Ano IV - Sonho de Liberdade

Assim como toda alegria é passageira, nenhum sofrimento é eterno. Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar na rua e fazer um novo fim, não é mesmo?

*Polícia chega
não dá pra fugir nem correr
ou é me entregar, ou vai ser morrer.
Algemado, e a mina chorando
dou um beijo nela e na “vt” eu vou entrando.
Chego no ingresso e tem um mano da quebrada
a gente até deu uma improvisada.
Os cara no setor chegam a falar:
“E aí, chegou o mano Saravá”.
Perguntam para mim porque que eu caí
e foi por latro que eu tô aqui.
Rezo antes de dormir todo o dia pra sair
fazer algo por mim e não me destruir
olho a portinhola, mesma cena todo o dia
faço um crochê, minha mente é magia.
Penso na minha vó,
que me faz sorrir.
Vou secar o choro e me reconstruir.
No futuro, doutor veterinário
pra mina e pro meu filho, um bom cenário
dar motivos pra coroa se alegrar,
quando tiver lá fora penso em trabalhar,
terminar os estudos prum futuro melhor,
pra família se orgulhar,
não para o pior.
Eu vou chegar em casa,
e eles vão me ver,
dando a volta por cima,
vão pensar o quê?
E quem sorriu na minha ida e me fez mal
vai chorar na minha volta.
Ponto final.
Logo que acordo tem café e pão com bá.*

*Não vejo a hora do fim de semana começar,
pra visita chegar, poder me alegrar,
pra fazer a pena amenizar.*

*Uns ficam sem visita e até se abalam,
só não pedalam pra não sair de safado.*

*Mas eu não me abalo,
a Lili vai cantar.*

*Pra mim e meus irmãos,
peço nosso alvará.*

Aqui o filho chora e a mãe não tá pra ver.

*Minha coroa tá no céu,
meu pai onde tá você?*

*Meu filho tão pequeno e eu aqui preso,
quanto mais penso, mais fico com medo.*

*Já não sei o que fazer nessa FASE,
nesse CASE, 17 de idade,
quero sair daqui e me reconstruir.*

*Os inimigos tão aqui, tão ali,
e podendo fazer algo.*

*Mas não sou Deus pra levar esses desalmados.
O certo é o certo, o errado é cobrado.*

*Mas se eles vir,
vão ver o diabo de carapuça, .38 e um machado.*

Mas não desejo isso pra ninguém.

Só aqueles que gritam é o trem.

*Os dias aqui são lentos,
mas vai chegar o meu tempo.*

*Aqui é sofrimento,
vários manos na parada.*

*Tô ligado, não sou santo,
mas sigo na caminhada.*

*A FASE é uma fase
na vida da gente,
na rua eu era louco,
hoje sou louco consciente.*

*A FASE é uma fase
na vida da gente.*

*Não é pra pior,
o melhor tá pela frente.*

A FASE é uma fase na vida da gente.

Não é pra pior, o melhor tá pela frente.

*Eu penso no futuro,
sair, não ficar atrás do muro.*

Até, se pá, virar crente.

O meu futuro a Deus pertence.

*Seguindo consciente pra poder dar orgulho pros parentes.
Sempre fui vaso ruim de quebrar,
mas rachei e tô tentando consertar.
Penso em liberdade todo o dia,
Penso na coroa, penso na família.
Tenho meus irmãos de fé, pois é.
Liberdade pra nós se Deus quiser.
No dormitório só mais uma dose,
seguir em frente, lidar com as neurose.
Liberdade bate na janela,
só pra sair, dar um rolê com as donzelas,
Mas antes do rolê, tenho muito a fazer.
Tô na FASE, tô aqui pra aprender.*

*Vida bandida não tem nenhum futuro,
se os ponta te pegar vão te deixar cheio de furo.
Mas quem sou eu para falar?
Fica na sua consciência
e é sua mãe quem vai chorar.
Eu não quero isso pra ninguém,
mas eles vem embalado mais pesado do que um trem.
Parece que esqueceram que estão na FEBEM.
Tem bandido do mau,
tem bandido do bem.
Mas malandro que é malandro
não faz mal a ninguém.
Tô aqui na FASE,
só penso em liberdade.
Sempre sigo em frente com muita humildade.
Sei que a pena já passou pela metade.
Sigo firme, não sou nenhum covarde.
Um dia a liberdade vai chegar,
orgulho pra minha coroa eu vou ter que dar.
Estou cansado de vê-la chorar.
Não quero isso pra ela e nem pros meus familiar.
A minha meta é voltar para o meu lar.
Então, o decreto, aqui no dialeto,
do portão pra fora tem que estar esperto.
Se não pelos mão branca o chumbo corre reto.
Minha liberdade dinheiro nenhum paga,
Quería a vida honesta, queria estar em casa,
mas nem tudo é um conto de fadas.
Num sorriso vejo juízo,
ainda mais da minha mãe
que tá comigo na boa ou no perigo.
Mas a verdade é que eu sonho com a liberdade*

e só vejo grades.
 É irredutível acordar todo o dia sem motivo
 pensando num futuro,
 mas o futuro é crítico
 como a corrupção desses político
 que falam que bandido mata,
 mas quem mata são de terno e gravata.
 Na banqueta da minha cela vejo vários indo embora
 e eu aqui privado pensando na minha hora.
 Mas eu sei que pra Deus tudo isso é uma obra.
 Pro safado é faca, bala e um pingo de solda.
 E meu último recado:
 nós tudo peste,
 e eu mando um salve
 lá pra minha banda Zona Leste.

Catálogo Audiovisual

“Mr. Hublot”: Curta-metragem em animação, conta a história de um senhor que tem a vida transformada pela presença de um cãozinho.

Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1cQCmNEBzFfauUjdzVprHbrRr_SrHb45B/view?usp=sharing

“Alike”: Curta-metragem em animação, curta problematiza o sistema rígido de ensino que se reflete na construção da sociedade.

Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0Bw4RAE90CqxTV3hsT25Yb2lvUTg/view?usp=sharing>

“The Present”: Curta-metragem em animação. A chegada de um cãozinho faz um menino repensar sua forma de aproveitar a vida.

Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1GVuaKjG5ur1FtOkL5Qgmi8LK_CLvSNFk/view?usp=sharing

“Selfie Cat”: Curta-metragem em animação. Uma menina sofre para conseguir a melhor selfie com seu gatinho.

Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0Bw4RAE90CxqTMGZkVy05a0YzOG8/view?usp=sharing>

“**Ignácio e Saldanha**”: Curta-metragem. Deus e Diabo discutem a sociedade durante um jogo de xadrez.

Disponível em: <https://youtu.be/Q8O1NtCZ9p8>

“**Os pixadores**”: Documentário em Curta-Metragem. Puma apresenta um documentário em um formato inovador mostrando pixadores de São Paulo.

Disponível em: <https://youtu.be/lyYla78dZjs>

“**Novas Abordagens em Educação**”: Documentário. A equipe do Estúdio de Criação apresenta ideias de educação realizadas no Canadá, muito inspiradas pelas teorias Freireanas.

Disponível em: <https://youtu.be/V2U1hDv66qA>

“**Estúdio de Criação: O cinema como potência formadora**”: Documentário. A equipe do Estúdio de Criação apresenta o processo de realização de formações em cinema no Instituto Olavo Bilac.

Disponível em: <https://youtu.be/9RuHUsBckl>

“**Educação & Imaginário**”: Documentário. Estudantes de Pedagogia da UFSM revelam seu imaginário sobre a educação e a arte na escola.

Disponível em: <https://youtu.be/T1ruPlcHgUY>

“**AmarElo**”: Videoclipe. Emicida, Majur e Pablio Vittar revisitam um clássico de Belchior para falar sobre o suicídio.

Disponível em: <https://youtu.be/PTDgP3BDPIU>

“**Bluesman**”: Filme Musical. Baco Exu do Blues une músicas de seu álbum em uma obra visual vencedora de diversos prêmios internacionais.

Disponível em: <https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw>

“**Lalá**”: Videoclipe. Karol Conka produz um videoclipe inteiro em estúdio.

Disponível em: https://youtu.be/t_veXiDyQvU

“Tragédia”: Videoclipe. MC Moreno revela a realidade de diversas vidas de periferia.

Disponível em: <https://youtu.be/9lbFp56mqMk>

“Lemonade”: Álbum Visual. Beyoncé.

Disponível em: https://youtu.be/gM89Q5Eng_M

“Kisses”: Álbum Visual. Anitta.

Disponível em: <https://youtu.be/xcMnvLzCeWM>

“Lights Out”: Curta-minuto. Uma mulher vê uma silhueta na penumbra das luzes apagadas de casa.

Disponível em: <https://youtu.be/FUQhNGEu2KA>

“Desafio Mortal”: Curta-minuto. Um amigo desafia outro a entrar em um hospital abandonado e ele nunca retorna, até então.

Disponível em: https://youtu.be/_w-oy7TaUls

“Última Chamada”: Curta-minuto. Em uma vídeo-chamada, um menino faz uma brincadeira que põe em risco a própria vida.

Disponível em: https://youtu.be/Lfa_DqKcUzM

“A Casa Mal Assombrada”: Curta-minuto. Um menino fica sozinho em casa em uma tarde chuvosa, e coisas estranhas começam a acontecer.

Disponível em: https://youtu.be/pGm_ATnanrA

“O Dia Assustador”: Curta-minuto. Uma menina escuta uma voz sussurrar no seu ouvido, mas ela está sozinha em casa.

Disponível em: <https://youtu.be/Z4AWGOF0Iss>

“Hora de Dormir”: Curta-minuto. A mãe dá boa noite para filha e vai até a cozinha

buscar um copo d'água, mas quando entra na cozinha, a filha está lá.

Disponível em: <https://youtu.be/fN4LKhQFe5A>

“O Perigo está ao Lado”: Curta-minuto. Ao rever a foto da sua família, uma menina descobre o rosto dos assassinos.

Disponível em: <https://youtu.be/sgNgoTFsMRs>

“Linhas Tortas”: Curta-metragem. Um assalto dá errado quando velhos conhecidos se reencontram.

Disponível em: <https://youtu.be/-BIXIar285E>

“O Candidato”: Curta-metragem. Um candidato a prefeitura ignora seus ideais políticos para vencer a eleição e conquistar sua amada.

Disponível em: <https://youtu.be/KDpxeIDLfCM>

“Tudo pela Vingança”: Curta-metragem. Após a morte do filho em um tiroteio, uma mãe solitária busca provas para prender o assassino.

Disponível em: <https://youtu.be/BeQFmpIflE0>

“Sinestesia”: Curta-metragem. Anelise busca, através de seus pensamentos, encontrar a si mesma.

Disponível em: <https://youtu.be/R7qEjuyAMWM>

“Operação Violeta”: Curta-metragem. Uma jovem modelo é enganada por uma quadrilha de tráfico sexual, mas uma policial está próxima de descobrir o esquema.

Disponível em: <https://youtu.be/ELJrTnWCsCM>